

Universidade Federal Fluminense
Departamento de História
História Oral
Professor: Marcos Alvito
Aluna: Mariana Lambert Passos Rocha

Projeto Trabalho e Identidade

Entrevistado : Charleston José de Sousa Assis

Data : 18 de novembro de 2004

Local: Escola Municipal Rachide da Glória Salim Sacker

Entrevistadora: Mariana Lambert Passos Rocha

FITA 1 – lado A

Mariana – Bom, mas agora você podia começar falando, então, um pouco sobre a sua infância, onde você passou a infância?

Charleston – Eu nasci na cidade de São Gonçalo, em 1972. A memória que eu tenho da infância é de uma época, de uma época boa, assim, na minha vida porque (...) meu pai era, é pedreiro, minha mãe costureira, e naquela época, tomando como base o que eles falam, tinha, estava tendo uma expansão na construção civil e também no ramo têxtil. Então, seguramente as taxas de desemprego eram menores, e eles ficavam sempre com emprego, serviço, então até (...), toda a minha infância eu não tenho memória de ter passado necessidade, faltar comida, enfim. Eu lembro dos natais com bastante brinquedo, apesar de eu ser filho de trabalhadores, de uma família, pai e mãe, eu e minha irmã, minha irmã era dois anos mais nova. E eu lembro dos natais com brinquedo, assim, era muito legal, eles escondiam tudo, e no dia apareciam, os presentes apareciam, do nada. E a gente pensava até, onde conseguiam guardar tantos brinquedos? E cresci no meio de muitos primos, muitos primos, minha família era grande tanto do lado materno quanto do lado paterno, a vó materna teve nove filhos, a vó paterna teve dez e alguns desses filhos tiveram quatro filhos, dois filhos, então, muitos netos, bastante netos. Nesta época eu ainda tinha bisavós, eu tive bisavós até cerca de, até os quinze anos, quatorze anos de idade, eu ainda tinha bisavós. As duas nasceram em 1900 e morreram com oitenta e tantos anos (...). Então infância assim, eu tive a presença de muitos primos, e aquela coisa de família grande, de família, com fofoca, com disse-me-disse, mas também com muita diversão, é brincadeira, música, futebol, memória de copa do mundo, essas coisas, as pessoas reunidas, e brincava, como as crianças brincavam naquela época, você não tinha nenhum tipo de brinquedo eletrônico (...), quer dizer, até posso chamar os carrinhos, né, mas o que mais tinha de sofisticado, pelo menos, pra crianças da minha classe, do meu segmento social, era um carrinho de bate-volta, daqueles de bombeiro, que tinha luzes, que a sirene, que as lâmpadas ficavam acendendo e batia na parede e voltava e tal. Só que ter aquilo era um símbolo de status entre as crianças. Eu me lembro que já tinha saído um robô, acho que no início dos anos oitenta, uma espécie de robô que eu sempre sonhei em ter, mas nunca tinha dinheiro para ter porque ele era caro, um robô que você podia por um jornal na garra dele e controlar, fazer por controle remoto. Aliás, eu nunca tive um carrinho de controle remoto? Nunca, e sempre quis ter, mas os meus pais não podiam me dar, mas em geral eu tinha bastante brinquedo, naquela época era comum os meninos terem muitas armas, brincar de polícia e ladrão com armas, parecidas com as armas, mesmo, pareciam revólveres, velho-oeste, então, você punha uma aqui, outra aqui (gestos), eu tinha revólveres prateados, e brincava bastante com isso, mas parece que há alguns anos foi proibido porque a galera tava assaltando o pessoal com revólveres de brinquedo. E vendia em qualquer loja, espoleta, fazia, barulho, e tal. Bem, infância, assim, até os sete anos morando com pai e mãe, aos sete anos, em

oitenta e um (...) não aos nove, aos nove anos, meus pais se separaram..E em termos financeiro, a coisa não mudou muito, porque minha mãe continuou trabalhando e ela já saiu pra ficar com uma outra pessoa, por quem ela se apaixonou, e ele era funcionário público, da CERJ né, da Companhia de Eletricidade do Estado do Rio de Janeiro, que foi privatizada há alguns anos, então ele tinha um nível de renda, até melhor que o meu pai, e meu pai, também não deixou de dar assistência, na medida das posses dele, né, e então, a gente não sentiu, financeiramente.Eu acho que eu até interrompi tava falando das brincadeiras né? Não tinha coisas eletrônicas, e aí as brincadeiras eram sempre com uma ludicidade muito grande, e muita interação entre as crianças. Eram, brincadeiras de pique, de pular corda , de futebol. Se bem que na minha infância até os nove anos eu não me interessava pelo futebol, não. Mas brincava com bola, bicicleta, é , e roda, jogos de criança, cabra cega, coisas assim sabe, que envolviam, muitas crianças, e era uma coisa muito legal. A gente ficava até tarde da noite brincando na rua, até porque, podia, naquela época a gente brincava tranqüilamente na rua sem perigo, sem medo. Bom, é, então a passagem de um pai para outro, e este padrasto foi muito bom, também, pra nós, é, não criou traumas financeiros, problemas financeiros, e eu tive problemas pra lidar com isso, inicialmente, sempre gostei muito do meu pai né, mas a gente acabou assimilando a coisa e convivendo bem com o padrasto, porque também fez por onde conquistar o nosso apoio , né , apoio meu e da minha irmã. Bom, eu já cheguei aos nove anos, né, então devia ter falado , um pouco da experiência na escola...Olha, eu não sei com é que pode, porque não tenho memória disso, de eu ter apreendido a ler tão bem quanto as professoras diziam, porque eu tive a sorte de fazer um jardim de infância público, numa escola pública que era coisa muito rara, no passado, era muito difícil, você ter uma escola, um jardim de infância, um não sei com se fala hoje, se diz jardim de infância ?, mas uma pré-escola (**M- maternal?**)De três a seis anos, eu fiquei nesta escola (**M- Lá em São Gonçalo, mesmo?**) Lá em São Gonçalo, mesmo. E eu tenho certeza, que isso faz bem as crianças, você ter contato com as letras e as cores e pintar e produzir coisas nessa idade. Isso pode ter me ajudado, eu sei que não fiz alfabetização, e quando cheguei na primeira série, em setenta e sete numa escola estadual, eu me dei muito bem, eu me lembro que teve uma cerimônia pra entrega do livro, né, a gente só recebia cartilha , porque naquela época você não tinha, a escola pública não dava livro, ainda, assim, não era generalizado esse hábito de dar livros, essa, num era uma determinação legal, mas eu lembro que todas as crianças que aprenderam a ler e a escrever ganharam uma cartilha. A primeira coisa que eu tenho em memória da escola, não na pré-escola, da pré-escola eu não tenho memória de muitas coisa, que não as brincadeiras. Aliás, que é das melhores coisas que a gente faz na vida, brincar. É (...), a primeira coisa da minha vida escolar a partir da primeira série que eu me lembro é de receber elogios por parte da professora, e isso me incentivou, o elogio que ela fez a minha leitura, porque naquela época eu fui tomar, não sei hoje em dia, como é que tá essa coisa na, no primeiro segmento, né, do CA até a quarta série, se as crianças vão na carteira da professora, na cadeira, à mesa da professora ler pra ela, pra ela ver como que tá a leitura. Chamava-se tomar a leitura, tomar a leitura de fulano, então as minhas eram ótimas, e eu lembro, e tenho uma memória bem vaga disso, de ir até a biblioteca da escola e fazer empréstimos de livros e isso na , até a terceira série, livrinhos e comecei a me interessar por essas estórias e pra minha sorte, minha mãe com os poucos recursos que a gente tinha, você não se iluda era uma família de trabalhadores, e , beneficiada por uma conjuntura de maior oferta de empregos nos setores onde eles trabalhavam e parece que a renda não era tão desprezível, mas era uma renda de trabalhadores, tinha uma casa com as coisas. A gente foi a primeira família na localidade, assim, na rua, digamos a ter televisão a cores, na família também, televisão à cores Philco. E aquilo era um acontecimento né, aquela coisa, famílias pobres como a minha, a gente sente muito orgulho, quando para o caminhão da antiga Brastel, ou da Ponto Frio que já existia, parava em frente a casa, é uma coisa que chama a atenção dos vizinhos, todo mundo bota a cara pra fora, porque chega um caminhão muito grande, e acaba sendo um motivo de orgulho, pra família que está recebendo isso poder ostentar alguma coisa, no pouco que se tem. E pra criança isso fica uma coisa marcante, chegou uma televisão, chegou uma geladeira, chegou um bem,

assim, até porque você não tá acostumado a conquistar coisas, a obter coisa e isso se torna significativo. Eu me lembro, desde menino, dessas coisas que chegavam em casa, e parece que provocavam inveja em outras pessoas né, vizinhos e tal que não tinham. Mas, a gente tinha uma vida modesta, no limite do conforto, tinha o sofazinho, tinha a estante, e o mais legal é que na estante tinha livros, bastante livros. Minha mãe fez até, começou a sexta série e largou , numa época que você não tinha uma preocupação, acredito, não havia uma preocupação muito grande com os estudos, anos sessenta. Disse ela que um dia tava ela e mais dois irmãos, tio Paulinho, tio Belisário, faleceu recentemente, e ela minha mãe, Dulce, e tio Belisário falou, (não agora..., tio Paulinho ou tio Belizário, segundo..), um dos dois disse:- *Mãe* (a minha vó tava lá), *mãe eu não vou mais à escola não!* Aí, o outro irmão falava, : - *Então eu também não vou mais não.* E ela também disse:- *Eu também não tó mais afim de ir!* E minha vó disse: - *Vocês que sabem.* E pronto, todos os três pararam no, no antigo ginásial, ginásio, é da quinta série à oitava. Ela parou na sexta, então, é curioso que ela tenha dado valor à educação na hora, na minha vez. Antigamente, você tinha muito vendedor de porta em porta, vendendo livros, enciclopédias, enciclopédia pra crianças, e ela comprava essas coisas, e o cara ia lá todo mês cobrar, parcelado, e tinha um caderninho pra anotar. Então, eu peguei estórias de, Pinóquio, As Maravilhas da Literatura Infantil , uma coleção azul, e eu acho, acho não, isso me fez muito bem, porque eu aprendi, é, sei lá eu acho que eu aprendi a ler um pouquinho melhor, me interessar por isso acho que me ajudou nessa caminhada, é, na escola, porque eu passei a gostar de ler. E separado já, meus pais separados já, eu já morando com o padrasto, eu me mudei de, eles me mudaram pra não ficar perto de todo mundo da antiga família, tiveram de mudar de São Gonçalo, pra não ficar próximo, porque houve a separação, você taria muito ali em contato com todo mundo. Então a gente foi pro município vizinho Itaboraí, prum bairro chamado Manilha (**M- E seu pai ficou em São Gonçalo?**) Meu pai ficou em São Gonçalo morando com minha vó, aí, a mãe dele. Então meu pai começou, não sei porque, ter o hábito de, eu acho porque pra suprir, a ausência, ele sempre teve o hábito de levar um presente, toda sexta-feira, ele levar um presente pra mim e pra minha irmã, toda sexta-feira, todos os dias um doce, chovesse ou não. Eu lembro muito de gostar de um quindim, que vendia de padaria, com um pedacinho de goiaba, goiabada em cima assim, uma delícia aquele quindim, com coco embaixo e ele levava todos os dias. Minha irmã me lembro que ela gostava de um tipo de doce , que ele também levava sempre. Todos os dias isso, e na sexta-feira os doces e um brinquedinho. Eu lembro de um , particularmente, que era uma avião que você, um aviãozinho, que tinha um piloto, a cabecinha de um piloto, e a medida que você empurrava, o avião no chão, o piloto subia e descia, e mexia a hélice, foi num desses, numa dessas sextas-feiras. E como, eu já tava mais crescido, com 9 anos pra cima, e ele não me via, ele passou a levar revistas em quadrinhos. Eu acho que foi uma outra coisa muito legal, sempre levando revistas, álbuns, e as figuras para eu completar os álbuns, e tal. Então ele, sem querer, sem querer mesmo, eu já conversei com ele, ele conseguiu, me manter no universo da leitura, eu não me afastei. Eu estudei em escola pública, colégio estadual, nos três primeiros anos, primeira, segunda e terceira séries, quando eu fui pra Manilha, na separação, eu fui pra quarta série, numa escola particular, até porque meu padrasto tinha uma condiçãozinha melhor, e quando meu pai não tinha grana pra pagar a mensalidade, ele ajudava e tal, chegava junto. E então nessa escola particular, eu senti um a diferença muito grande, o nível era mais forte, era mais puxado, a escola exigia mais e eu tive dificuldade, muita dificuldade em matemática, por exemplo, eu passei graças a um colega que a gente sentava, tinha carteira dupla e ele me orientava ali, inclusive na prova, eu encontrei com ele, recentemente, um rapaz muito inteligente, acho que tava como motorista de ônibus ou cobrador, mas uma pessoa bastante inteligente, ele inclusive também faz faixas, cartazes, pinta cartazes metálicos em Rafer ou pano, coisas assim, Alessandro, o nome dele. Oitenta e dois, to na quarta série, copa do mundo, copa do mundo da Espanha, tinha uma febre nacionalista naquela época , parece que a gente vivia frustrado né, porque foi uma época de dificuldade política, a gente ainda tava na ditadura, então uma espécie de vontade de gritar por liberdade, por participação política, enfim, e a copa do mundo, ficou uma coisa assim, uma forma

de extravasar. Realmente, aquela copa foi significativa, porque primeiro a gente tinha uma seleção fantástica, é, inclusive foi considerado o melhor time do ano entre todos os times do mundo, contando clubes e seleções, com Zico, com Sócrates, com Falcão. E todo mundo dava aquela copa como do Brasil, e a decepção da gente ter perdido pra Itália, foi coisa muito grande, as pessoas ficaram muito pra baixo naquele ano, por causa daquilo. Eu lembro bastante, porque a gente se envolveu na escola, a gente jogava na escola pensando no Brasil, e foi o ano que eu comecei a me interessar por futebol, eu comecei a jogar bola aos nove anos, não é jogar, estava dando os primeiros chutes, né, nem tinha habilidade e tal, tava aprendendo a partir desse ano. Então, eu tive dificuldade nessa escola, por outro lado, eu tirava dez em estudos sociais, porque você, naquela época você tinha matemática, comunicação e expressão, não era língua portuguesa, não era português, ciências e estudos sociais, eram quatro matérias até a quarta série. Então, estudos sociais, englobava história e geografia né, e eu tirava, assim dez, e me interessava bastante por aquilo, tudo que envolvia leitura eu me dava bem. Eu passei para quinta série, e na quinta série aconteceu uma coisa bastante, que eu não sei, acho que na quinta série que se deu uma virada na minha vida, é, no sentido da vida escolar, foi um ano importante. Oitenta e três, eu nessa mesma escola particular lá, a primeira prova que eu fiz de ciências, eram duas turmas de quinta série e as duas turmas acharam a prova, assim, absurdamente difícil, a gente tem a tendência de sair da quarta para quinta e sentir uma diferença né, e eu tirei nove, e o professor me elogiou nas duas turmas, eu nem sei como é que eu tirei, eu sei que ele era um excelente professor e eu gostava muito, da forma como ele expunha a matéria, eu me interessei e também tirei dez em história, primeiro bimestre assim. Então aquilo, aqueles elogios, aquele reconhecimento dos professores parece que foi uma alavanca. Eu não tenho uma memória boa dos primeiros quatro anos escolares, mas a partir da quinta série, com todas as limitações, pessoais, da minha história, de enfim, e mesmo da vida escolar, de escola pública que eu estudei, à exceção da primeira série que eu tenho ciência de que foi boa, eu não lembro bem da segunda, nem o nome da professora e da terceira a professora ficou doente vários meses, não teve substituto, a gente ia pra escola e voltava pra casa, então, eu cheguei na escola particular na quarta com dificuldade. Agora a partir da quinta, da quinta série eu comecei a me destacar, e é uma coisa muito legal, porque uma coisa puxava a outra, sabe, porque um elogio agora, uma nota nove, me fazia querer repetir isso, e não baixar mais o nível. E minha mãe passou a ter um orgulho muito grande disso, pra ela, ela, eu acho que ela tava se realizando com o meu sucesso, então ela voltava das reuniões de pais, maravilhada, falando o que os professores falavam ao meu respeito, então isso me estimulava a, curiosamente, ela nunca precisou me mandar estudar, das outras séries eu nem lembro, não sei nem como consegui chegar até a quinta. Mas da quinta série pra frente eu tinha autonomia, eu tinha responsabilidade com aquelas coisas, e fazia, estudava, e ao mesmo tempo era apaixonado pelo futebol porque comecei oitenta e dois e aí oitenta e três, e aí é aquela coisa louca de querer jogar bola, mas nunca deixava de estudar, quer dizer tinha a parte do estudo, jogava futebol e aquela vida, assim, de família de trabalhadores, a televisão diz muito também. É, eu ainda lia, mas as novelas da globo, filmes, naquela época tinha muito seriado, muito seriado, os enlatados americanos né, tipo casal 20, as panteras, o homem de 100 milhões de dólares, a mulher biônica, homem invisível, mulher maravilha, seriados você tinha aos borbotões assim, e cada dia era um, cada noite era um, então à noite você não tinha como ficar se divertindo na rua com as crianças mais, né, eu já tava grandinho já, doze anos, onze, doze, então à noite eu assistia muita televisão, mas ainda assim eu ainda me recolhia, muito no quarto pra ler ou estória em quadrinho ou estórias infantis clássicas. Acho que foi nesse ano que minha mãe comprou uma enciclopédia, pra época muito cara, que eu tenho até hoje, a Nova Abril Cultural, alguma coisa assim, uns 12 volumes e, enfim, e aquilo me maravilhava porque eu viajava pelo mundo, lia sobre os países, lia sobre as invenções, as doenças, sabe, queria aprender mais e ficava ou lendo isso, ou lendo revista, ficava gargalhando no quarto sozinho, e eles riam na sala, minha irmã, meu padrasto, minha mãe porque eu achava as estórias engraçadíssimas e, algumas estórias, né, tipo da Disney, da turma da Mônica, alguma coisa assim, e eu viajava

naquilo mesmo, eu tinha essa de me ausentar pra ler, que não me interrompessem. E também nos jogos do Flamengo, eu comecei a acompanhar futebol pelo rádio e me interessava bastante também, escutava os jogos. Na época que Zico tinha acabado de sair, época que eu comecei a me interessar e tal, e senti a falta dele também do Flamengo. Agora, não sei, eu tó falando essa coisa da vida escolar pra você ter uma noção de como isso vai me dizer alguma coisa no presente, agora, enquanto eu te falo isso, como é que isso vai ter influência.

Mariana- E quando que você começou a trabalhar?

Charleston- Bom, meu padrasto, saiu de casa, minha mãe se separou dele, e aí foi um momento difícil porque meu pai não tava com emprego fixo. Na verdade ele era um mestre de obras, né, tem obra tem dinheiro né, construção civil, não tem... e naquela época recessão dos anos oitenta, você já tava na metade dos anos oitenta, isso foi em oitenta e oito, eu tava no segundo ano do segundo grau e tinha feito um primeiro ano excelente, numa escola particular, também, porque tinha uma bolsa que uma tia minha arrumou, uma bolsa de estudo, e eu nem pude pagar a bolsa, minha mãe nem pode pagar, ainda vivendo com meu padrasto era puxado pra época, numa escola boa, em Niterói no Fonseca, eu comecei a ter essa experiência de ir sozinho, pegar ônibus de manhã cedo, acordava às cinco e meia da manhã, e ia estudar e tinha que tá às sete e meia em Niterói, os ônibus muito cheios, é, bastante difícil. Então, quando chegou oitenta e oito houve a separação a gente começou passando necessidade, já em oitenta e sete não deu pra pagar, mas o diretor da escola anistiou.

FITA 1 –lado B

Então o diretor da escola, sabe, anistiou as dívidas. Acho que foi uma intervenção da minha tia, porque essa escola tava ligada, ao estaleiro MC Larem, eu não sei se existe ainda, me parece que ainda existe, em Niterói, tanto que era Centro Educacional Mc Larem, e minha tia era secretária, era secretária do proprietário, William MC Larem e aí, ela conversou com o diretor e conseguiu, acho que ligou, houve um pedido da empresa tal, e ele analisou viu quem era que eu era um bom estudante, né, que eu tinha o favor dos professores, muito embora, fosse assim, eu entrasse mudo saísse calado. Eu tinha contato com os colegas, uma boa relação com os rapazes por causa do futebol e aí tem aquela afinidade, e com as moças mais tímido, mais retraído e então passei pro segundo ano. Foi em oitenta e oito que houve essa crise porque, na separação. E aí você perguntou do primeiro emprego, aconteceu por causa disso. Minha tia, uma outra tia, trabalhava na rua do Carmo 6, no Centro da cidade, no Rio, então, numa empresa de advocacia, que prestava serviços de advocacia e contabilidade e eu tinha quinze anos, em oitenta e oito, então ela arrumou uma vaga pra mim, *ó tem uma vaga de boy*, e eu larguei a escola. Aquela coisa, então arrumo uma à noite e vou ganhar um salário mínimo nessa oportunidade aí. Bom, comecei a descer pra trabalhar e fui aprendendo como é que era o serviço. Foi muito legal, posso dizer que foi uma experiência muito bacana, apesar de ter trabalhado lá só dois meses, depois eu falo porquê. Mas assim, eu conheci as ruas, a coisa de você andar sozinho numa cidade grande, se sentir autônomo, se sentir suficiente, poder resolver coisas, ir à banco, prum garoto como eu que morava na região metropolitana, mas numa área mais, bem, bem suburbana, quase rural, como era Manilha na época, bem menor do que é hoje, foi uma experiência muito legal, pegar ônibus todos os dias, e distante, era muito longe, pegar ônibus todos os dias e pegar a barca e ir pra cidade trabalhar e trabalhava de nove às seis da tarde. E nesse meio tempo a gente mudou de Manilha e veio morar em Alcântara, que é um centro comercial de São Gonçalo, deixei de morar em Itaboraí, depois de ter morado seis anos lá, e em Alcântara no apartamento de uma tia minha, que fez um preço camarada, que é minha madrinha, fez um precinho melhor, minha mãe trabalhando, o meu pai ajudava, e meu padrasto separado ainda, mas dava alguma ajuda também, só que mesmo assim eu tive que deixar a escola. Então, eu trabalhei lá né, fiquei feliz quando fui pegar meu primeiro salário, descontar o cheque, apesar de ser salário mínimo e era pouco, prum garoto era muito.

(M- Quantos anos você tinha?) Quinze. E eu dei a grana pra minha mãe e tal, fiquei com pouco, nesses dois meses. Foi um momento legal da minha vida assim, que eu me lembro bastante de ter tido autonomia e conheci muitas coisas que eu não conhecia. Bom, a minha experiência de primeiro emprego é essa: de ter que me virar, que eu era um rapaz bem introvertido, tímido, e eu tinha que me virar porque eu tinha que ir à banco, eu tinha que representar a empresa em alguma coisa, levar documento e fazer pedidos, e ir pra cartório, ir de uma empresa pra outra, eu fazia serviços na Zona Sul, São Cristóvão, em vários lugares e tal. E tem uma outra coisa dessa época que eu lembro que é você ter contato com pessoas de outras classes sociais, sabe, o dono da empresa, o irmão dele que era advogado também e tinha um cargo bom lá e outras pessoas que ganhavam bem e é quando você tem um contato com essas pessoas que você percebe que você se faz em oposição aos outros, você se nota que o que pra você de repente não era tão necessário, porque você não se dava conta de que não tinha, porque você não via alguém que tinha, e aí, os caras tinham automóvel e tal, e uma casa num bom lugar, e tudo mais, e aí que você se dá conta que você é um cara explorado e que ganha pouco. Acho que eu devo fazer assim, um parêntese nessa explicação, nessa coisa de cara explorado e tal, nessa época você ainda tem aquela dicotomia, o bloco capitalista e bloco socialista, a União Soviética ainda..., já tava ruindo, mas ninguém sabia disso, pelo menos os estudantes, eu era um estudante secundário, e as idéias socialistas, o comunismo já tinham chamado a minha atenção, no sentido de que propunham uma sociedade melhor, ou sem desigualdade social, essa coisa, e isso já me chamava a atenção. Desde a oitava série, uma professora de geografia, não foi nem de história, foi uma professora de geografia, que me mostrou, entendeu, este lado, ela trabalhava os blocos, né, o terceiro mundo, o segundo mundo, o bloco socialista, o primeiro mundo, capitalista, aquela coisa toda e você passa a ter a noção disso, do que propõe o capitalista e o socialista, cada bloco, enfim. Tinha aquela visão idealizada, né, do bem e do mal, e ela como professora, ela agia de modo a sensibilizar a gente para o socialismo, mas sem ser contundente nisso, era uma coisa que a gente, quer dizer que eu percebi depois, muito depois, já adulto talvez, mas que no momento para mim ela tava apenas ensinando e não fazendo também o que é necessário na sala de aula, quer dizer também política, no sentido de..., sei lá, dos alunos estarem envolvidos com alguma coisa que seja útil para sociedade na qual eles vivem, discussões desse tipo. Aí, no segundo ano também teve esse tipo de, com um professor excelente do primeiro ano. Ah não, e na oitava série tinha tido um livro do Frei Beto sobre OSPB, que tinha uma matéria na, no passado, antes da reforma curricular, depois do fim da ditadura, você tinha Organização Social e Política Brasileira, OSPB, na ditadura, e isso ficou alguns anos depois do fim da ditadura no Brasil. Aí, a escola adotou um livro do Frei Beto, pô ele falava ali de socialismo e do capitalismo, que que é um que que é outro, e os objetivos e o que acontece em cada um dos sistemas, e dava exemplos, então aquele livro eu li, com uma avidez, com muito interesse, e isso na oitava. Quando chegou no primeiro ano e no segundo anos, o professor de história era um cara excelente, um flamenguista, muito apaixonado pelas idéias de liberdade da Revolução Francesa, e do ideal de igualdade que a Revolução Russa trouxe consigo, ele, a gente teve um tipo de história bastante crítica, ele mandava a gente escrever muito, muito assim, eu freqüentemente tirava dez e nove e meio nas provas dele, e texto assim, uma resposta com duas folhas, com duas páginas, duas páginas e meia, senão folhas né, e aquilo me sabe, foi uma, porque que eu tó falando isso do socialismo e dessas idéias, porque eu percebi a questão da exploração quando eu fui trabalhar. Eu já tinha tido essas leituras na escola, oitava série, primeiro ano e essa parte do segundo ano que eu abandonei, abandonei com dor, com pesar, contente por tá trabalhando e poder ajudar minha mãe, mas triste por tá largando a escola. Então lá eu, eu me dei conta assim, pô, o cara tem, tinha muita coisa cara, naquela época ele tinha um furgão da Ford que era uma coisa que não era comum, pouca gente tinha, hoje você tem essas mini-vans, esse automóveis assim, num uso mais generalizado, um Meriva da vida, uma Safira, um Renault-Scénic. Naquela época, era difícil, você ter aqueles carros imensos, ele tinha, então sabe, era um contraste muito grande, eu

me ver com um tenizinho todo surrado, uma calça jeans surrada e ver do outro lado assim, uma opulência, uma diferença grande. Bom, esse meu trabalho de dois meses por que dois meses?, aconteceu uma outra coisa legal, acho que sei lá, algumas coisas de sorte na vida, né. O professor de geografia, dessa escola em Niterói que eu tinha abandonado(tá dando pra entender as coisas assim? Você tá conseguindo?) ele foi lá em casa, morava, ainda antes de eu ir pra Alcântara, ele foi lá em Manilha, assim, quase a gente saindo já, minha mãe separada, aquela dificuldade toda, e eu trabalhando, ele pegou meu endereço, e era um localermo, assim, prum cara que morava em Niterói, esse professor(...), e ele foi lá e pediu pra minha mãe, encontrou a casa, conversou com ela, pediu pra eu voltar, disse que eu era ótimo, que eu era o melhor aluno da sala, que isso não podia acontecer, que a escola ia dar um jeito, e ela chorou diante dele, das dificuldades, disse que tava pesando muito a ela o fato de eu ter saído da escola, é ... enfim, isso sensibilizou muito minha mãe. E a partir daí, ela começou a me ... , não você vai ter que sair, vai voltar, e eu ainda resistia porque achava que, até que um dia ficou decidido: - *Você vai voltar*. E ela me obrigou, felizmente ela me obrigou. Sabe, uma das felicidades da minha mãe comigo foi isso, assim como foi ela ter, ficar adquirindo essas enciclopédias, esses livros, sabe, então ela me mandou. Então, eu lembro que eu fui muito envergonhado, muito envergonhado. Imagina, você dois meses, todo mundo sabe que você não tinha grana pra pagar os estudos. Justamente foi na aula do professor Marinho, José Marinho, esse cara tem que ser lembrado, ele era negro, eu tó falando a cor da pele porque ele parece que teve uma ajuda na infância, ele foi colocado num colégio de padre, não sei se foi o São José, se dava uma educação muito rigorosa, enfim, e por causa disso, ele creditava o sucesso na vida dele, as coisas que ele conquistou, quer dizer, e ele incentivava a gente que a gente estudasse e era um professor que explicava muito bem a matéria, um professor de geografia, com uma visão crítica, e eu voltei justamente na aula dele. E quando eu voltei, a turma, eram vinte e dois alunos, no segundo ano, tendo sido o primeiro, assim lotado, no segundo só ficavam vinte e dois naquela escola , e o pessoal me recebeu com uma alegria muito grande, muito grande assim, de: - *Pó, você voltou!? Viva!*, tipo palmas assim e coisa. E olha que eu não tinha nem uma relação muito próxima, com as meninas, inclusive, que eram a maioria. Anos depois eu encontrei uma colega dessa turma, tipo há três anos atrás, quatro, e ela disse, sabe o que eles fizeram, eles fizeram uma festa junina, na festa junina venderam coisas pra me ajudar e eu não sabia, fiquei sabendo agora. E olha que nem me disseram isso quando eu voltei, acho que pra eu não ficar envergonhado. Eu sei que um amigo meu, muito amigo, desses dois anos, André, que fez geografia na UFF, de vez em quando a gente se encontra, uma pessoa muito querida, ele tinha guardado em casa, acho que três livros, um livro de química, um livro de geografia, um outro de português, enfim, que a turma comprou pra mim, que o pessoal juntou dinheiro, o pai dele, o pai dele chorou quando eu sai da escola , e eu nem o conheço, aliás ele faleceu sem eu conhecê-lo, e dinheiro, tava embrulhadinho tudo. Agora eu sei que esse dinheiro foi conseguido por essa..., olha parece que brigaram com o diretor da escola porque não deixaram fazer uma barraca só pra isso, que a turma queria botar uma barraca e todo lucro ser revertido pra mim, pras passagens, pras coisas, e eu nunca fiquei sabendo disso, até três anos atrás, quatro. Fiquei muito sensibilizado quando eu soube... E eu voltei pra escola né, muito marcante esse retorno porque eu dei conta do trabalho, desses dois meses de ausência, sabe, isso foi legal , você perceber os professores me ajudando sem fazer menção ao problema, mas você perceber que havia uma atenção comigo. E eu tenho, assim, uma felicidade, as pessoas assim, simples, tem poucas coisas que dão aquele..., é o orgulho, eu dos vinte e dois alunos, só dois alunos passaram direto, em todas as matérias, eu e um outro amigo, o Carlos Eduardo Sater da Silva César, que fique registrado, um garoto bom. É, só nós dois, inclusive em Física, todos foram reprovados em física, é claro foram pra recuperação e eu nem sei que bicho deu que escola particular, eu acredito que tenham passado. Mas assim, eu achei muito legal de ter olhado naquela lista, e ter percebido que com toda aquela luta, eu e ele, eu tava entre aqueles que conseguiram passar. Oitenta e oito, e aí oitenta e nove eu comecei a namorar, namorar aquela mulher que eu ia me casar com ela, é, e com quem

eu ainda tó casado, e isso mudou um pouco a minha cabeça, a maneira como eu enxergava às coisas, porque eu coloquei isso na frente de tudo, pelo menos é a leitura que eu faço hoje, né, naquela época eu achava que tava fazendo tudo certo, trilhando os caminhos, que era assim, parei de estudar pra trabalhar. Imaginando, bom, o cara que tem uma namorada, ele tem que ter dinheiro pra pagar alguma coisa pra ela, né. E nessa lógica, eu fui, e aí tava com dezessete anos e é um problema eu acho que existe até hoje isso, alguém devia rever isso na legislação porque o rapaz que tá pra se apresentar ao exército, ou qualquer arma, forças armadas, ele não consegue emprego, porque se o empregador assinar a carteira, é, e você passar na seleção, você continua ligado à empresa e o cara tem que continuar te pagando o período todo que você tá no exército, então, os empregadores não empregam rapazes, nessa idade. Então eu passei um aperto muito grande porque não conseguia serviço, e aí arrumei um sem carteira assinada como aquele primeiro, agora aos dezessete anos, em oitenta e nove, parando de trabalhar, parando de estudar, desculpe. Fui trabalhar numa gráfica, foi também uma outra experiência legal, eu trabalhei seis meses lá, e a gente trabalhava em pé, o dia inteiro, porque você vai montar um cartaz e você tem várias gavetas, muitas gavetas, com os tipos, que eram as letras e você tinha uma bandeja e você tinha que montar as palavras, montar um cartaz, tipo, circo, um circo encomendava lá, mil panfletos pra distribuir, *Grande circo não sei o quê, tal hora, sábado e domingo é crianças não pagam até 5 anos*, essas coisas assim, você tem que montar isso, cartões de visita, panfletos grandes, anúncios e tal. Então eu tinha que aprender, o J tinha a caixinha do J, do A, e não tava em ordem alfabética. É legal essa coisa do trabalho assim, porque você se habitua, como um teclado de um computador ou de uma máquina de escrever que você sabe onde tá o A o S e por aí, você acaba também se habituando. Mas é uma coisa que você precisa continuar fazendo, tanto que quando eu saí, o patrão me chamou, o ex-patrão e falou: - *Olha, procura logo um emprego, se você for ficar nessa área você vai esquecer, se você demorar, você vai esquecer porque você já tá com habilidade*. Então é uma coisa assim, uma profissão de tipógrafo né, essa turma aí que é bastante trabalhosa, e eu ficava nessa área de composição, eu compunha, os cartazes, as..., essas coisas. E como boy, aos 15 anos eu fui boy, como eu falei, tem sempre a coisa, aí eu vejo, quer dizer hoje eu faço essa leitura, da subversão no trabalho, de você, eu vou ao banco e depois dou uma enrolada na rua, vou olhar uma loja, paro na frente da banca pra..., e depois chego no trabalho e digo que o banco tava cheio. Eu acho que é uma forma de você escapar da exploração, tipo assim, também vou te sacanear, você me pega por aqui, mas eu também te sacaneio por ali. E eu me lembro no, nesse local, todo mundo tinha que limpar o banheiro, cada dia, e eu sempre pedia pra limpar (**M- Na tipografia ou no outro?**) Na tipografia, porque eu sentava no vaso e ficava lá descansando, fechava tudo ficava limpando lá e descansava as pernas, e eu limpava bem e o pessoal gostava né. Aliás, uma coisa que eu não falei, eu sempre fiz serviço doméstico desde os sete anos, minha mãe trabalhava, meu pai e depois o padrasto e ela, então a gente tinha a responsabilidade de cuidar da casa, de fazer as coisas bem feitas porque senão também a gente apanhava.... Deixa eu absolver a minha mãe porque eu acho que ela bateu na gente bastante, mas não em excesso, a gente apanhou quando mereceu e eu acho que isso foi bom, valeu a pena. A gente ficava sozinho em casa pra cacete, e foi útil ela colocar freios pra determinadas coisas, sabe, pouca gente que cresceu com a gente, tem gente morta, tem gente que não alcançou na vida uma profissão que desce algum conforto, então eu acho que a minha mãe fez um bom papel, não vejo isso como uma crítica não. Eu tava falando da gráfica, que eu gostava então de limpar pra poder dar uma parada, até me mexer, porque você fica naquela bancada fazendo, você fica muito em pé numa posição só. E tinha sacanagem do trabalho, ali era uma coisa mais tipo de (espirros). É, então assim, o pessoal ficava naquela encarnação, porque era uma coisa mais..., de pessoas mais simples (espirros), pessoas... Pra você ter uma idéia, eu era o único que tinha segundo grau ali, aliás que tinha chegado ao segundo ano, porque eu parei né, sai no segundo ano, o professor foi lá, aquela coisa toda, larguei o trabalho e voltei. E em oitenta e nove fiquei sem, então eu tinha parado com o segundo ano do segundo grau completo, faltava o terceiro,

em oitenta e nove eu parei. E meus pais o ano inteiro me pressionando por causa disso, e eu naquela cegueira de trabalhar porque namorava e tal. Quando eu saí da gráfica, eu saí porque os negócios não estavam bons e eu era o mais novo, tinha um garoto que tinha entrado depois de mim, só que ele ganhava meio salário mínimo. Então o cara me explicou, poxa vou deixar fulano mas fulano ganha a metade, e tal. Tanto que faliu mesmo a gráfica, tempos depois a gráfica fechou. É, então essa foi a minha segunda experiência no trabalho. Aí começou uma braba, saí, então não tó estudando, obviamente eu tenho que trabalhar, tenho que manter o trabalho se eu não estudo. Tó namorando agora tem a pressão dos pais, tipo assim, você não saiu da escola?, tem que trabalhar. E o que que eu ia trabalhar numa época, de quartel, como se fala? Fazendo obra né, construção civil, aí foi com dezessete anos a minha primeira experiência nesse batente aí, nesse pesado. Porque meu pai era mestre de obra, e fazia serviço de pedreiro, muita das vezes. Às vezes, ele não só gerenciava a obra, tinha obra que ele gerenciava e não tocava em nada, só orientava como é que os caras tinham que fazer o trabalho e em outras assim, ele mesmo fazia, quando a obra era menor, ele tinha que fazer o trabalho também. Então começou a me levar pra n lugares pra fazer obra, então comecei a trabalhar duro, e conhecer esse lado, cara, porque você vê uma casa em pé, você não tem noção sabe, do trabalho que dá isso, de quanto as pessoas se matam pra fazer isso. E porque é uma atividade que você não tem, normalmente não tem carteira assinada né, você recebe por semana, eu recebia toda sexta-feira. É muito legal a coisa de ter dinheiro, sabe, você é um garoto, jovem e tal, você tá com dinheiro, muito bacana, só que até chegar sexta-feira, Mariana, era uma luta, quebrando concreto, fazendo massa, carregando tijolo, carregando areia, carregando pedra, terra, serrando ferro. E sempre sujo, indo na rua sujo: *-Ó, vai na rua e compra isso!*, eu era servente, né, e meu pai não me dava mole porque eu era filho dele, até porque pra dar exemplo pros outros serventes. - *Ah, o filho de Djalma tem mole!*, não tinha essa. Então, eu me ferrava como os outros, o trabalho era realmente muito duro e, assim, na hora do almoço eu levava marmitta e comia frio, não queira fazer isso porque é uma experiência terrível, só que eu fiz isso pra cacete. Fazia isso, lá na... , quando era boy, mas tinha um lugar pra esquentar a marmitta e na gráfica, eu ia almoçar em casa porque era perto, minha irmã esquentava a comida pra mim, eu chegava já tava tudinho prontinho que minha mãe tinha deixado, alguma coisa que ela tivesse que fritar fritava, eu comia, via o noticiário esportivo e voltava, uma hora de almoço. Agora, no lance da obra a marmitta era fria mesmo, cara, o pessoal chamava de rádio de pilha né, que você tá levando radinho de pilha pro trabalho.

Fim da primeira fita.

FITA 2- lado A

É comum com todo mundo que trabalha em construção civil, né, essa coisa da marmitta, levar a marmitta, então, como eu tava falando tem essa... essa coisa da vergonha, quer dizer, a pessoa ganha a vida naquilo ali, mas tem vergonha de ser reconhecida como peão, - *Ah fulano é um peão de obra*. Os jovens, porque não são profissionais, aí tem a coisa da profissão. O jovem que tá nesse ramo, ele não, ele é o ajudante de pedreiro ou servente de pedreiro, ou servente de obra. Não tem orgulho nenhum nisso, porque é também uma coisa que a sociedade não valoriza, pedreiro ainda é valorizado, pintor, ladrilheiro, ainda tem o seu valor, dependendo do contexto, de negociação, que às vezes ele tem, quando ele vai negociar uma obra com uma pessoa que tem posse, né, então ele tá numa posição boa porque ele tem o conhecimento, ele detém o conhecimento, isso é legal, ele tem as ferramentas e ele é dono do conhecimento, e o conhecimento de uma forma ampla. Ele não sabe somente, em geral pedreiro não levanta somente uma parede, ele põe a laje, ele coloca o piso, ele põe as louças. Então, ainda que seja uma profissão braçal e por ser braçal já perde um pouco nessa comparação com as outras, com

outras profissões não braçais, ele ainda assim, ele tem uma espécie de orgulho desse seu saber, que é necessário, uma espécie não, orgulho. Servente não, e isso é que eu era, servente. É, acho que eu ia dizer alguma coisa do almoço, que na hora do almoço, a gente tem uma hora né pro almoço, e comia rápido, aliás todo mundo, e deitava em algum canto numa sombra, em geral, botava uma tábua, e deitava na tábua, no chão né, na poeira, na coisa de cimento, na areia, próximo disso tudo, deitava e dormia. Então, em geral, eu comia de onze, que horário em obra é onze horas, a hora do almoço, que as pessoas acordam muito cedo, então tem fome mais cedo, tanto que pára para o almoço às onze horas. Almoçam cedo, começam cedo por causa do sol, que é uma prática também, todo mundo nesse ramo gosta de começar cedo pra quando o sol estiver mais inclemente, boa parte do trabalho já ter sido feita, e tem-se também uma crença de que a obra rende mais na parte da manhã, depois do almoço...é o que eu já ouvi também na obra, eu vou dizer aqui né, mas que é uma coisa preconceituosa, mas depois do almoço fica igual na Bahia, depois do almoço ninguém faz mais nada, ninguém trabalha direito, dá aquela lombeira. Então, trabalha-se bastante na parte da manhã pra ver se o serviço rende e tal. Então, o almoço tentava comer em 20 minutos, pra poder descansar cerca de 40 minutos. Dormia, efetivamente, dormia, e torcia, porque às vezes você dormia, e é uma madorna, você acorda, olha o relógio, dorme de novo, doido pra o encarregado da obra esquecer do horário, dormir e passar do meio dia também dormindo porque você tá doido pra continuar descansando, mas lugar nenhum ninguém esquecia, dava meio dia, meio dia e um, meio dia e dois, no máximo. Tenho um tio que já faleceu, e ele gritava: *–Bora!* Era hora de todo mundo levantar e voltar pro serviço. Então, eu fiquei assim, os 17 anos, quando fiz 18, em 90, quer dizer ia fazer 18 ainda, eu voltei pra escola em 90, fiquei um ano parado voltei pra fazer o terceiro ano, consegui uma vaga no Liceu de Niterói. No Liceu Nilo Peçanha, colégio que me traz ótimas recordações, e eu retornei uma boa trajetória ali, fui muito bem em Física, sabe, Matemática, fui benzão e... Aí passei aquele ano, passei com tranqüilidade, e tive muito orgulho quando acabei o segundo grau, muito mesmo, uma porque pouca gente na família tinha chegado ao segundo grau. Uma tinha minha, uma outra, não sei, mas, sei lá umas três tias e um primo. E pó, se eram dezoito tias e tios e pó, quase 30 primos. Hoje não, os mais novos, em geral, estão estudando, o pessoal da geração que nasceu nos anos 80, tá estudando, tá terminando o segundo grau e tudo mais. Aí, e por uma coisa de acaso mesmo, é assim eu tiro por mim, eu não tinha idéia do vestibular, quer dizer sabia que tinha vestibular pro ingresso na Universidade, mas não, não tinha informação como é que consegue, como é que se faz, como é que se inscreve e tal, essas coisas. Então eu tava quase acabando o segundo grau, e esse primo que tinha acabado, encontrei com ele por acaso, na rua, ficamos batendo um papo, e ele falou que ia fazer a inscrição pra UFF e que ia fazer pedido de isenção, e sabe: *-Como é que é o esquema? - Isenção é porque você não paga a taxa.* E era cara a taxa, como é hoje ainda, pra uma pessoa de escola pública, e essa isenção é uma coisa super justa, porque eu não poderia pagar, por exemplo. Aí eu sei que eu fui no último dia porque ele me encontrou assim, já quase acabando o prazo, mas uma fila, uma fila lá no Valonguinho, que até dava voltas não sei aonde, eu fiquei ali, levei os comprovantes, entreguei quando eu fui saber o resultado eu tava isento. Recebi aquele material do vestibular, fiquei todo contente, né, pó, UFF, aquela coisa toda, isso pra preencher e me inscrever no vestibular, no exame do vestibular. Bom, fiz essa inscrição, isso em noventa, fiz vestibular no final de noventa **(M- E você continuava trabalhando com obra?)** Continuava trabalhando em obra, inclusive pó, ia, às vezes meu pai deixava eu sair alguns minutos mais cedo pra descer pro colégio. Naquela época, no final do ano, eu tava participando de uma obra, no Apolo, longe daqui lá em Itaboraí, numa obra assim, aí eu descia, pegava o ônibus e ia estudar e tal. Meu pai me dava muita força, ele tinha orgulho que eu tivesse continuado né, ele sempre falava que eu tinha que ir mais longe que ele, que ele queria ser engenheiro e era excelente, aliás até hoje, em matemática, ele faz conta de cabeça tudo, cálculo é com ele, gosta, escreve bem e tal. Aí, eu fui fazer inscrição. Fiz, e por causa daquele professor que eu comentei Renato Lana Fernandes, não tinha dito o nome dele, o tal

flamenguista, que me deu aula no primeiro e segundo anos, ele tinha me seduzido pra área de História, eu fui muito bem em História, e resolvi fazer: - *Ah, eu vou aprender História e vou ser professor de História, é isso aí.* Então me inscrevi, aí vieram as provas, eu agora não tenho certeza se foi no final de noventa, se foram as provas no final de noventa ou no início de noventa e um. Mas aí eu fiz as provas e, curioso, eu estudava dois dias antes de cada prova, então a prova é na quarta, segunda e terça eu estudava, só pra aquelas matéria, e como é que eu estudava?, eu lia os livros de segundo grau todos. Lia do primeiro, eu não tinha do terceiro né, porque no terceiro foi escola pública, eu não tinha dinheiro pra livro e meio que não usava livro, era texto em quadro, ou apostila, alguma coisa assim. Então eu lia os livros e estudei, eu estudei os livros que eu tinha do primeiro e do segundo ano, e li, em dois dias eu lia tudo, via o que era importante, tentava pensar, refletir sobre aquilo, aquela coisa. Fui fazendo as provas, naquela época, naquele ano foi uma etapa só, redação e as matérias que a gente faz, sem segunda fase. Um domingo saiu o resultado. Eu não esqueço né, porque..., então fui no muro lá no Valonguinho, ficou no muro à direita, antes de subir, antes de chegar no CEG, no muro à direita, um monte de jovens olhando, as folhas procurando seus nome, aí eu vi meu nome assim, cara falei :-*Passei!Passei!Passei!* Aí tinha uma garota gordinha: -*Ah, você passou, agora deixa eu ver se eu passei também!* Aí, eu sai dali assim abobado, ninguém, só uma tia tinha entrado numa universidade pública, inclusive ela foi pra letras e abandonou, mas voltou muitos anos depois e se tornou professora de História, aliás fez História porque eu já tava fazendo , e eu disse que tava adorando e que ela ia gostar, mas ela queria fazer pra pular pra outra área, tipo assim vou entrar por História e pulo pra uma outra, mas aí se apaixonou também e se formou na UFF.Então, liguei pra minha, primeira coisa, ainda era ficha, peguei umas fichas telefônicas, não era cartão né, umas fichas de chumbo, coloquei lá e liguei pra minha vó, naquela época pouca gente tinha telefone na família, minha vó era uma delas, que tinha (espirros). Então, eu liguei : - *Vó, passei no vestibular! Passei!!* Aí ela começou a chorar e falou: - *Ah, minha nossa senhora, meu sagrado coração de Jesus, ai que benção você passou minha nossa senhora, minha nossa senhora,* E eu falando aquilo naquela felicidade com ela, aí pedi pra ela ? meu pai, meu pai foi me procurar contente, minha mãe fez festa, minha irmã, todo mundo. Comecei a cursar a faculdade em noventa e um, desconhecendo, dezoito anos, uma história de..., desconhecia o que era uma faculdade mesmo, até porque não tem exemplo na família. O problema é esse, você não tem um pai que fez, não tem um avô que cursou um curso superior, então é diferente porque você é o primeiro, ninguém tem uma experiência pra poder te passar. Quando cheguei lá, sabe, os caras davam a bibliografia, eu acreditava que eu tinha que comprar aqueles livros todos. Por curiosidade, eu passava nas livrarias e fazia um orçamento e ficava apavorado: - *Cara, isso tudo vai dar não sei quanto!* Depois de algumas semanas eu fui vendo que era tudo xerox, né, e mesmo assim, era difícil pra mim, difícil conseguir essa..., e ao mesmo tempo que eu tava entrando na Universidade, eu consegui o primeiro emprego de carteira assinada. Consegui o primeiro emprego de carteira assinada, assinei em fevereiro de noventa e um, então muito contente. E logo, em março, em fevereiro comecei a trabalhar, em março comecei a estudar, até ajustaram o horário pra mim por causa do bandejão, pra eu pegar o bandejão aberto, eu tinha que chegar meia hora mais cedo no trabalho pra sair meia hora mais cedo e conseguir pegar o bandejão aberto, bandejão noturno, porque era um valor muito pequenininho, e aquilo me ajudava porque eu levava marmita pro trabalho, e nesse trabalho de carteira assinada também marmita (**M- Qual trabalho?**)Esse trabalho que eu arrumei em noventa e um ele foi numa empresa que parece que existe até hoje, de importação e exportação e o camarada importava as placas de fontes de computador, ? atrás do computador tem aquela ventoinha, aquele ventiladorzinho e a gente montava ali, ele mandava fazer o gabinete de metal aqui no Brasil, as peças: o interruptor, a tomada, as coisas que tem ali era tudo feito por aqui, e a placa vinha de Taiwan, e a gente tinha que montar aquilo ali. Eu trabalhei ali um ano, naquela empresa, e traba lhei pra cacete, eu passei a ser o soldador, soldava as peças dos componentes, e soldava uma peça na outra, e a gente fazia ali uma coisa meio de Charles Chaplin, daquele

tempos modernos, de você fazer um trabalho, passava, você tinha , botava aquilo e passava pro lado, o cara do lado fazia um tipo de serviço, passava a placa pra mim, eu soldava e passava pro cara do lado, ele parafusava, terminava de soldar mais alguma coisa, passava, enfim. Aliás eu nem soldava a placa, eu soldava o interruptor, os fios do interruptor, da tomada e um terceiro e quarto fios lá, e passava pro lado, ele que punha a placa e soldava os fios na placa, passava pro lado aí o outro fechava, aparafusada, e assim numa mesa, numa linha de montagem, que era numa sala, num prédio comercial, no centro do ,bem na praça Tiradentes 31, sexto andar , se não me engano, a gente fazia esse trabalho, e a gente fabricava isso e cuidávamos também de vender as fontes, os monitores. Nessa época começou a abertura do mercado de informática, não é, o monopólio, deixou de ser monopólio do Estado, a questão da informática, e passou a se abrir pra pro mercado externo, e aí que puderam entrar as empresas estrangeiras de informática que, e aí abriu o mercado pra isso, começaram a vender computadores mais baratos, e vender muita coisa. E era uma época muito interessante na História do Brasil porque uma época de muita mobilização de trabalhadores, noventa e um, a porrada comia, muita greve, muita crítica ao governo Collor, então, que aconteceu, a gente ganhava um salário muito baixo, a gente ganhava assim, um salário bem ruinzinho, não era o mínimo, porque passou a ter gatilho salarial, e cada vez que a inflação atingisse um determinado patamar, automaticamente o trabalhador teria um aumento, que a inflação era alta, freqüentemente atingia isso, então o governo dava o chamado gatilho. E dava uns vinte e tantos por cento de aumento, mas era sempre aquém da inflação, a inflação sempre tava além desses aumentos. Então nosso salário tava muito defasado, aumentava tudo freneticamente, época do governo Collor, então, a gente resolveu fazer uma greve. É interessante essa coisa da experiência que você nunca viveu mas você vê, você tá vendo o tempo todo, as pessoas fazendo isso, os movimentos e os meios de comunicação veiculando essas imagens, essas coisas, empresas parando, empresas de ônibus, bancos e o cacete. Então a gente tava com a faca e o queijo na mão porque era um trabalho que vendia muito o nosso produto, o patrão, ele não teria condições de colocar pessoas pra nos substituir, éramos uns nove eu acho, quer dizer, se todo mundo cruzasse os braços, ele teria que chamar pra conversar. E eu comecei a instigar, isso é alguns meses fazendo a faculdade de História, e quer dizer, você também vê lá alguma coisa, apesar de eu não ter um, uma militância política, não ter tido nada, é, você participa de determinados debates, determinadas aulas e discussões que tocavam nessa questão, na questão política, enfim, e mais o que você vivenciava na sociedade, tava todo mundo revoltado com a defasagem do salário, e as outras manifestações da carestia mesmo, e todo mundo sofria isso. Então, comecei a instigar o pessoal, a gente tinha que parar : *-Greve! Greve* e tal, todo mundo um pouco com essa cabeça, e não foi nem muito difícil criar essa unidade no grupo. Aí nos estávamos com o patrão, o patrão não, chefe imediato da gente, ele também tava com a gente mas ele falou: *- Ó, vocês que tem que decidir, eu vou lá e falo*, porque ele sabia que pra ele não ia pegar né, ele também não era culpado da gente parar. A gente parou, ele foi lá em cima, lá no trigésimo primeiro que era o, o cara que fez o prédio e era dono de n salas no prédio. Então, quando ele falou com o cara , o cara bateu na mesa, bufou, gritou que não admitia, que isso era uma afronta, que ninguém vai botar ele contra a parede. Aí, o Edinho que é esse sub, esse chefe nosso, veio desceu e falou olha Samuel falou isso, isso e isso, não vai ceder. E nós falamos, então diga pra ele que a gente também não trabalha, que ele manda todo mundo embora. E é legal dessa coisa porque movimento grevista, pelo menos essa experiência que eu tive, você precisa ter a concordância de todo mundo né, criar uma unidade no grupo, ninguém pode romper com aquilo, senão enfraquece. E foi, ele subiu e avisou: *- Ó, os caras não vão?, vai ter que mandar embora*. Todo mundo botou o pescoço, e todo mundo precisava do emprego, aí, ele: *- Tá manda os caras virem aqui!* depois de xingar mil palavrões. A gente foi lá, aí depois dele dizer que não aceitava pressão, que isso era um absurdo, não sei o que, nãñãñãñãñãñã, aí deu dez, eu não lembro a moeda assim, se era cruzeiro ou real, me parece que era cruzeiro real. Dez cruzeiros reais de aumento pros solteiros e vinte cruzeiros reais de aumento pros casados. E eu tinha casado, eu casei, ce vê,

aquele lance que eu tinha te dito que eu tava bastante envolvido pelo sentimento né, por Vanessa, a pessoa com quem eu namorava que eu, primeiro emprego fixo que eu peguei entrei em fevereiro, casei em maio, e quando eu casei, ainda ganhava salário mínimo, salário mínimo **(M- E aí você saiu de casa e foi morar com ela ?)** Fui morar com ela, numa casa, morar de favor, numa casa de três cômodos, num bom bairro até, do namorado da minha mãe, a droga é que ela separou do cara tive que sair de lá, alguns meses depois. É aquela coisa mesmo de fazer sem pensar, sabe, a gente teve ajuda dos pais, tava numa situação mais ou menos, meu pai deu uma coisa, minha mãe deu outra, geladeira, fogão, meu pai deu armário do quarto, a cama sem colchão, aliás eu dormi no chão um bom tempo, bom tempo mesmo. Mas aquela idéia de construir família, de ter uma família, e sair de casa começar a trilhar os seus passos, por parte dela e também da minha parte, a gente imaginava um futuro bem róseo, né...Então, e nesse ínterim, eu trabalhava lá nessa firma, que é Asian Center, importação exportação. Então, estamos em noventa e um, eu trabalhava nessa firma, tinha dezoito anos, casei com dezoito, dezoito de maio. Aí, tá, então lá pro final do ano, ou próximo do final, não sei, eu sei que foi no segundo semestre, no final do segundo semestre que houve essa greve, e a gente conseguiu essa melhoria, então a gente deu uma aliviada, porque era algum dinheiro naquele momento, era uma coisinha que veio ajudar mesmo. Sei lá terá representado como 40% de aumento, 50, alguma coisa nesse campo, além dos aumentos que eventualmente o governo, periodicamente tinha aumentos salariais, isso foi extra, então a gente teve um ganho sobre a inflação mesmo. Isso foi uma experiência legal deste trabalho e, só que eu não fique muito tempo porque você vê só né, a gente assume um compromisso, né, e tem aquela, quer dizer é criado para ser honesto, e honrar os compromissos e tal. O meu terno de casamento foi tirado no cartão da minha tia, essa que depois fez História, e naquela época, os juros eram absurdos, ainda mais do que hoje, uma dívida se transformava em gigantesca em bem menos tempo, então eu não pude pagar aquele terno, eu dei uma parte. Aquela coisa foi crescendo, crescendo, crescendo, quando fez, sei lá, quando se passaram cerca de dez meses disso, e eu sem poder pagar aquela dívida eu já envergonhado demais com aquilo, pedi pra me mandarem embora, pra pegar a indenização e pagar aquela dívida **(M- Mas você tava devendo à sua tia?)** tava...Eu acho que eu peguei quatrocentos não sei que, qual era a moeda, cruzeiros reais de indenização e devolvi, e paguei a ela cento e noventa e pouco. A metade da minha indenização foi aquele terno, eu gastei muita grana com aquilo. Sabe, ela ficou muito surpresa, ficou até comovida d'eu ter feito aquilo, que eu disse a ela que ia pagar e eu pedi pra me mandarem embora. Mas aquilo foi um erro tão grande, não ter conseguido pagar a ela, mas ter pedido pra sair, porque eu fiquei sem emprego por um ano e voltei pra onde? **(M- Pra obra?)** Pra Obra! ...Voltei pra obra e é aquela loucura de novo, é aquela, sabe, aquele trabalho, aquela trabalhadeira danada, aquele esforço mas, assim, tem aquela coisa, você tá vivendo sozinho, você tá formando uma família, você tá..., porque você tá animado, é uma época que você tá animado na vida. Você é novo, você tá com uma pessoa que, naquele momento eu tava apaixonado por aquela pessoa, então você tinha estímulo pra trabalhar, pra lutar, quando se está apaixonado. E então eu trabalhava muito, sabe, e estudava, saía da obra, ia pra UFF e dava muita vergonha porque volta e meia os professores perguntavam :-*Quem trabalha?* Isso tanto no terceiro ano, eu tenho essa memória quanto no (**M- Na UFF?**) na UFF, porque o professor, quer dizer, ele não tem idéia de que tem gente que tá ali, que tá num trabalho precário e tem vergonha de dizer, aliás eu vi ...

Fim da FITA 2 lado A

FITA 2- lado B - não foi gravada

FITA 3 – lado A

Então, às vezes eu ficava cons trangido na UFF, porque que profissão que eu vou dizer, o que que eu faço, só tinha essa, né. Quando um outro professor, especialmente no primeiro período é que tinha essa pergunta, aí nessa época, eu era soldador, né, dos componentes de fonte de computador, e depois, no segundo ano, na faculdade, eu fiquei desempregado, foi aí que eu passei a fazer menos matérias, me matriculava em duas, e aí começou um período complicado, porque eu ganhava pouco, voltando a trabalhar em obra, depois que eu sai daquela empresa e não tinha condição de fazer a faculdade, não tinha mesmo, então eu fazia menos matérias, ou o que era mais comum, me matriculava e abandonava. Isso aconteceu noventa e três inteiro, dois semestres eu me matriculei e saí, em noventa e quatro inteiro, também, e em noventa e cinco eu retornei, consegui, já tava com um emprego melhor. E aí, voltando a questão do trabalho, eu em noventa e dois que eu sai, né, pra pagar a dívida com a minha tia, é, fiquei trabalhando em obra, em novembro de noventa e dois minha mãe me arrumou um serviço. Minha mãe trabalhava na prefeitura de São Gonçalo, numa empresa prestadora de serviço e por política, por amizade, essas coisas, ela conseguiu uma vaga pra mim lá, pra trabalhar na prefeitura, quer dizer, à serviço da prefeitura como servente de hospital, faxineiro. Bom, eu trabalhava em obra, e trabalho em obra era eventual, se tem serviço, você tem serviço, se não tem, você não tem dinheiro também e tal. Então uma oportunidade de assinar carteira de novo, ganhava um salário mínimo, mas um adicional por insalubridade, que era um trabalho insalubre, né, eu trabalhava em hospital e limpava as coisas dos..., banheiro, trocava a urina do coletor de urina dos doentes, às vezes eles urinavam no chão, eu limpava, vomitavam sangue, faziam necessidades no chão, o pessoal que tava no pós-operatório. Então, é muito complicado, gente com câncer, gente com todo tipo de doença, e eu punha a minha luva e era um uniforme azul, ridículo, horrível, dava vergonha às vezes reconhecido no hospital você tinha meio que se esconder, assim, se você puder não aparecer pra pessoa você não aparece, se for inevitável você tenta tratar com naturalidade, até pra não parecer que..E eu fiquei lá oito meses, oito meses trabalhando nessa função, mas eu como em todos os lugares eu gostava de..., eu fazia bem o serviço, onde quer que eu tenha passado, mesmo nos momentos que eu descansava e tudo mais, eu dava conta do trabalho, eu tinha aquela coisa de compromisso de pó, de não deixar a coisa em falta, de não ser chamado a atenção por ninguém. Então, trabalhava muito bem, era elogiado porque eu limpava um pátio que eu começava às sete da noite, de tão grande que era e a meia-noite, por volta de meia-noite, eu acabava de limpar o pátio e ele era cheio de amendoeiras, sabe como é que desce poeira daquilo ali, como é que cai folha. Então, bicho, no dia que chovia eu dava graças à Deus, porque não precisava varrer à noite, né, chovendo, então você tava, e fora isso, tinha que, quer dizer isso antes de eu ser mandado pra essa seção aí, pra esse setor que você tinha que lidar com os doentes mesmo, então eu era o cara do pátio, então cuidava do pátio e botava o lixo fora, e as roupas sujas, os sacos com as roupas sujas, é, dos doentes, os lençóis levava pra lavanderia, punha o lixo fora e alguma coisa nesse sentido, e ajudava a cozinheira a lavar as panelas também, mas isso era favor que eu fazia porque ela era legal e fazia sempre um mingauzinho pra gente, assim, meia-noite e tal, então era uma coisa meio que uma mão lavava a outra, mas eu gostava muito dela, gente boa. Então trabalho bastante difícil, e aí quando morria uma pessoa eu tinha que pegar o cadáver, devidamente embalsamado ali, né, enrolado num, num lençol, identificado, e a gente levava pra capela e às vezes quando você ganha pouco, qualquer coisa é boa, então muitas vezes a família não conseguia vestir a pessoa, não tinha condições psicológicas de vestir o seu morto, então pagava a gente pra vestir, sabe, e eu já vesti alguns, cheguei a vestir alguns cadáveres pra ganhar, pra ganhar, ganhava um bom dinheiro assim, sabe, conseguia levar alguma coisa pra casa com aquele dinheiro. E a coisa ficou muito ruim ali quando eu sai do pátio, porque mandaram um cara embora, então o que que é que fizeram, o pátio ficou sem ninguém eu passei a pegar esse setor, e aí a clínica mesmo, era limpar banheiro, era limpar corredor e eu limpava pra cacete.(M-Qual hospital?) Hospital Municipal Luis Palmier, fica no centro de São Gonçalo. Então, eu trabalhava, pó, pra caramba e deixava tudo desinfetado, tudo limpo, usava bastante cloro, bastante..., uma vez eu fiz até uma

maldade com uns caras lá..., nego mijava e não avisava, porque a pessoa não pode levantar podia avisar pra você, ó vai transbordar fulano, tira aí e tal, aí a pessoa vai mijando, mijando, mijando, aí quando me chamaram, a sala, a enfermaria tava toda cheia de xixi no chão porque o recipiente foi transbordando, e tal, o cara tá com a sonda, eu falei - *Pó, filha da puta!* E você não queria voltar para aquele tipo de trabalho, né, eu já fazia faculdade, entendeu, em noventa e dois eu ainda cursava duas disciplinas, e esse trabalho era de sete da noite às sete da manhã, era plantão, dia sim dia não, mas era duro, eu até tive que largar a UFF, até porque meu curso era noturno e semana sim, semana não, não podia ir a aula, e ganhava pouco, não dava pra manter, acabei largando, aí eu peguei:- Vou sacanear esses caras... Aí peguei cloro, espalhei o cloro no chão, aí deixei: - *Tem que deixar pra desinfetar,* aí sai. Aí dois minutos, voltei, aí nego tava todo mundo chorando por causa do cloro: - *Pó, Charles, você espalhou muito cloro!* Todo mundo chorando, aí eu falei- *Ah, não porque tem que desinfetar, xixi no chão,* não sei o quê, pra sacanear, aí fui limpei aquilo ali, depois joguei desinfetante limpei, nunca mais ninguém mijou fora do penico, porque chorava mas chorava de doer a vista. É porque você tá no seu trabalho, cara, tudo bem você é um servente, mas você não aceita vagabundo pisar em você, porque você..., mas em geral os caras gostavam de mim poxa, porque eu fazia favor, trazia um cigarro, uma coisa que pedisse pra comprar, eu não me importava de levar pro cara, né, se o cara tinha uma televisão, às vezes tinha jogo, eu acabava de limpar e ficava ali vendo o jogo. E também tinha um lado bom de trabalhar à noite porque eu acabava o meu serviço por volta de meia-noite, meia-noite e meia e ia dormir, todo mundo no hospital dorme, né, a galera fica alguém, lá na portaria, a menina da portaria dormia na portaria, deitada assim, se chegasse alguém era maternidade, numa parte maternidade e a clínica não recebia ninguém à noite mesmo, então eu dormia cerca de meia noite, meia noite e meia, até cinco e meia da manhã que era quando eu saia pra recolher o lixo, os sacos de lixo, os sacos com roupas sujas, lençóis e tal. Aí fiquei naquela, e aí a minha mãe na época acho que falou com o vice prefeito, explicou a situação, falou o meu filho faz faculdade e tal, não teria uma coisa melhor e aí ele deu uma CI do vice-prefeito, pra me apresentar ao sub-secretário de saúde, pra ver se ele arrumava alguma coisa pra mim, eu tava na saúde mesmo, né, meu setor era saúde, deixa eu falar, Edson Miranda, o nome dele, doutor Edson Miranda, é ortopedista e sub-secretário de saúde, ele pegou :- *Ah, o Benedito te mandou.*(Benedito era o vice-prefeito).*Fica aí cara, vamos ver alguma coisa pra você aqui, na secretaria,* aí eu pó beleza, mas para eu ficar, dependeria d'eu saber datilografar e eu não sabia, quer dizer, eu não tinha feito o curso mas o meu pai havia dado uma máquina de escrever pra minha irmã alguns anos atrás e quem usava mais aquela máquina era eu. Então, eu por tanto usar pra fazer trabalho escolar, eu cheguei a fazer trabalho pra UFF, o trabalho que eu entreguei pro Alvíto, inclusive, foi feito nessa máquina. De tanto fazer esses trabalhos, você acaba tendo a idéia das teclas, de onde estão, e aí uma certa rapidez, mesmo com dois dedos só, dois dedos de cada mão que eu usava pra fazer isso, então eu tinha uma certa rapidez, e aí cheguei lá, uma menina que era uma assessora do secretário de saúde, que era a Bel, chegou e disse:- *Olha, pra você ficar acho que você vai precisar ter isso aqui porque a tua utilidade vai ser porque você que vai poder fazer os documentos e tal, que eu que tô fazendo.* Então, eu cheguei ali apreensivo, bom tenho que aprender esse bagulho. E era uma IBM, uma máquina de escrever mais eletrônica, cheia de comandos pra cá e pra lá, e ela me deu o básico, é assim, assim e assim, e eu peguei e comecei a meter a cara naquilo ali pra fazer os documentos. E aprende e fuço, e fuça daqui, fuça de lá, aí ela viu :- *Pó, você tem certa facilidade.* Já fiquei animado, né. O resultado: dei certo nesse negócio de fazer documento, fui me aperfeiçoando, me aperfeiçoando, todos os documentos todo mundo queria que fosse feito comigo, porque o formato que eu fazia, era o que mais, que esteticamente ficava melhor o documento. Então comecei, bicho, aí quando mudou o governo, que eu fui pra lá no final do ano, saiu o prefeito e entrou um outro do mesmo partido, até PDT, na época, e esse que era sub-secretário se tornou secretário de saúde desse novo prefeito, pessoal dizia: - *Não, acho que você não vai ficar com o doutor Edson não, não sei o quê* e eu ali naquela torcida pra ele me puxar

pra equipe dele, que eu comecei a ganhar, quer dizer, eu ganhava a mesma coisa de servente, mas já num trabalho mais, né, não braçal necessariamente. Aí ele falou: - *Ó, você vai ficar comigo.* Aí pó, legal, e isso já noventa e três, noventa e três, isso aí, então comecei aquele ano trabalhando com ele, ele pegou e me deu um cargo de confiança, um salário legal pra época, tipo assim, o salário mínimo, aquilo era o dobro do salário mínimo mais, sei lá, 150% de aumento, digamos, foi o que eu tive, assim, naquele cargo. Perdão, esse cargo foi em noventa e quatro, em noventa e três eu tive um acréscimo de 50% no salário, nesse mesmo salário que era de servente, eles é, politicamente podia fazer isso né, queria dar uma gratificação pra alguém que tava próximo, então tinha esse expediente, eu recebia uma gratificação no salário, quer dizer aí teve uma melhoria, aí eu cai nas graças dele porque eu trabalhava com bastante afinco e tal, aquele esforço, aquela coisa toda, então em noventa e quatro parece eu ainda fiz uma matéria ou outra na UFF, aí voltei, noventa e três é que eu parei inteiro, eu tinha dito que em noventa e quatro tinha parado, mas eu fiz alguma coisa na UFF em noventa e quatro, junto com o trabalho lá. Então ele me dava tempo, ele deixava eu estudar de manhã, eu fazia umas duas matérias, não era todo dia e vinha trabalhar à tarde, ficava até ele ir embora, se ele fosse embora sete e pouca eu ia embora sete e pouca, se fosse oito, oito, eu ficava lá esperando sempre naquela de fazer alguma coisa pra, um documento pra bater, alguma coisa pra fazer, né. Então fiquei assim, aí teve um concurso pra Prefeitura de São Gonçalo, eu estudei pra cacete, tinha vagas pra primeiro grau e segundo grau, eu escolhi segundo grau, pessoal falou, mas segundo grau é mais difícil a prova e tem menos vagas, mas eu achei de fazer aquilo ali, foi sorte porque a galera toda correu pra fazer primeiro grau, se bem que muita gente fez o que eu fiz, mas eu fui ... centésimo, agora eu me peguei, acho que cento e treze, por aí, teve não sei quantos milhares de candidatos fazendo, então eu me preparei pra aquilo ali e fui chamado. E foi legal que aí eu já tinha conseguido um cargo de confiança, eu ganhava trezentos e poucos reais, porque aí já era noventa e quatro, já entrou, depois do real, plano real, ganhava trezentos e poucos reais, e o salário era tipo cento e pouco reais, e eu ganhei esse emprego que era duzentos e oito reais, se não me engano, eu ganhava pouco assim, mas era tipo mais que o salário mínimo, que eu passei a ser, então, funcionário da prefeitura e passei a ter esse cargo de confiança, então, cara, a minha renda, pela primeira vez na minha vida, isso em noventa e cinco, aí eu posso dizer que eu tinha os dois, eu tinha esse cargo de confiança e tinha o emprego na mesma prefeitura trabalhando na secretária de saúde por esse salário, eu cheguei a ganhar, na época, cinco ou seis salários mínimos, o que pra mim foi uma coisa muito grande, sabe, hoje daria aí quase mil e quinhentos reais, se fosse nos valores atuais, isso há nove anos atrás, naquela expansão do consumo do plano real, do início do plano real, que tava tudo indo bem, sabe, consegui comprar uma TV, não tinha televisão, aí parcelei, sei lá, em doze vezes, outras coisas pra casa e tudo mais, então as condições melhoraram assim, até ter talão de cheques, essas coisas eram símbolos de status, tipo assim, é símbolo de que você saiu da merda, pelo menos diante dos outros que te conhecem que acham que você fez uma burrada, casando tão cedo e tudo mais, então é uma questão também de dignidade, de você se sentir participante disso que tá aí, *pó eu não tó tão excluído*, acho que foi a primeira vez desde a minha infância que eu voltei a ir a um restaurante, que eu pude ir a um restaurante, que eu pude sair e ir ao cinema, agora com os meus recursos, porque coisas que eu fazia na infância que a gente viajava, pontualmente assim, viajava mas nada pra hotel, nada disso, viajava pra casa de parente que tava na região dos lagos, de angra dos reis, de conhecidos, de amigos assim, nada de luxo. Mas agora pela primeira vez, noventa e quatro, noventa e cinco, é que eu pude fazer isso... No início de noventa e seis, eu fiquei desempregado novamente... né e ... e aí ficou uma situação difícil, porque novamente, depois de eu ter vivido cerca de três anos, dois anos e meio com uma situação melhor, com estabilidade, é até curioso porque quando você, pó você é pobre, mas você tem um pouquinho mais, você tem um cartão de crédito, você tem um cheque, um talão de cheque, isso é de todo mundo, não é seu. Quer dizer, a cunhada acha que você tem a obrigação de emprestar o cheque pra ela fazer compra no mercado a prazo, o teu pai acha que,

enfim, uma série de favores que você faz, como assim, tirar coisas pras pessoas, fazer compras a crédito, vai tirar televisão pra fulana, então nessa, assim, eu tive vários problemas porque eu cobria o cheque dos outros, eu pagava conta no cartão, pagava prestação, ficava com o nome sujo, e se você não fizer você é um vilão, se você fizer, você não tá fazendo mais do que a sua obrigação, porque parente tem que fazer isso, é só um..., por falar em parente, é só um parêntese que eu abri pra questão né, até porque quando eu lembrei que eu tava melhor, então, quando você tá melhor, se você não fizer você tá sendo ingrato, até porque em algum momento, essa pessoa, você precisou da pessoa antes, seja de pai, seja de cunhado, seja de primo, tio e tal, então fica difícil negar à família, dizer não à família e tal. Aí, eu fiquei desempregado em noventa e seis e, aí eu acho que foi o período mais difícil porque a minha filha nasceu em novembro, quer dizer a gravidez, boa parte da gravidez da minha esposa, é eu tava desempregado e voltei obviamente pra obra, aquilo era um fantasma a me perseguir. E eu tenho que dizer que eu, eu assim..., é claro que depois que você passa, que você vive é, aquilo foi bom como uma experiência porque eu aprendi pó, muita coisa, você tem toda aquela coisa de obra, e é engraçado porque é uma profissão que as pessoas ficam caracterizadas por aquilo é o tipo de ambiente, que você circula de um ambiente pro outro, o palavreado é semelhante, as brincadeiras são parecidas, as sacanagens de um jogar massa no outro, é aquela..., é muita piada de mulher, envolvendo mulher, envolvendo negro, envolvendo português, gays, é uma coisa, é um universo bem machista e de bastante brincadeira porque a gente passava o dia brincando pro dia passar, pra coisa ficar mais..., ou menos difícil, né, você tentava levar a coisa na esportiva. Então, eu voltei em noventa e seis a trabalhar, trabalhei noventa e seis pra você ver..., noventa e sete, tinha um vereador conhecido que me arrumou uma vaga pra trabalhar numa escola, como vigia noturno. Antes disso, só pra deixar registrado, na época que eu trabalhei como servente, lá em noventa e dois né e tal, eu fui camelô, vendendo cachorro-quente na rua, eu e minha esposa, empurrava a carrocinha, é um trabalho danado, é uma desgraceira, menina, porque você tem que empurrar no meio do trânsito e a carroça pesada e sair pra comprar as coisas e fazer aquilo tudo ali na rua e, cozinhar a salsicha e tal, comprar os refrigerantes, comprar gelo, e vai e volta, *cabô isso!*, ia na rua, ia no mercado e trazia, então um trabalho..., e aí à noite, das sete da noite às sete da manhã eu trabalhava no..., como servente no hospital, e durante o dia trabalhava, mas isso foi um mês e pouco, aproveitando aquele período de novembro e dezembro que as ruas ficam mais cheias por causa do natal, das compras, décimo terceiro e tal, então tinha muita gente no centro de Alcântara, então a gente vendeu muito, e aquilo entrou um dinheiro interessante pra gente, aquele natal foi até mais, bacana, assim. Então voltando pra noventa e seis, aí minha filha nasceu em novembro, grande alegria da minha vida, das maiores, pela própria dificuldade que a gente teve e aí, trabalhando em obra, e nos momento que eu não tinha trabalho, recebendo ajuda de amigos e parentes, então ela, o nascimento dela foi uma, uma espécie de, de compensação por aquilo, um prêmio no meio de uma, sei lá, um bote salva-vidas, numa tempestade né, que tava sendo naquele momento. E não tinha dinheiro pra comprar roupinha dela, não tinha dinheiro pra comprar nada, pouca coisa, e aí, com a ajuda dos amigos, sabe, a gente ganhou tudo, de berço novo até roupas, o que vale é a solidariedade, né, da gente ter pessoas que ajudaram, tinha amigo que chegava dava cem reais na mão, cinquenta, e naquela época, ce vê, o salário mínimo era, quando ela nasceu, acho que o salário mínimo era de cento e vinte, o cara me deu um salário mínimo na mão, o outro vinha com vinte, aí comprava coisas pra Vanessa, ela grávida, ou então depois de ter, amamentando, precisava dessas coisas e tal. Aquilo me doía muito de não ter aquelas coisas, e novamente parava a Universidade, noventa e seis e noventa e sete, acho que todo, não pude frequentar. Em noventa e sete, que que aconteceu, eu consegui esse emprego de vigia noturno, que eu tava falando no, no Colégio, Colégio Municipal Castelo Branco, um dos maiores colégios públicos de São Gonçalo né, eu trabalhava ali como vigia noturno, fiquei cerca de um ano, então, até noventa e oito, o mês eu não me lembro, mas ganhava uma micharia, ganhava um salário mínimo assim com os descontos, ficava menos, mas complementava, porque de dia eu

trabalhava em obra, e a noite ia pra lá e dormia né, ia pra dormir, mas só de você dormir fora de casa é chato porque, até porque você dormia sem nenhum tipo de cobertor, nada, dormia num banco que tinha, no caminho da secretaria tinha dois bancos azuis, que eram acolchoados, e aí, eu juntava os dois e servia como uma espécie de cama e eu dormia naquilo ali, é, esperava o colégio esvaziar, dava uma olhada em tudo, verificava se as portas todas estavam fechadas. Às vezes via filmes, na escola tinha alguns filmes tipo MalcomX, é filmes, que os professores de História passavam, né, então eu assistia e depois ia dormir, de manhã cedo sempre o primeiro funcionário batia na porta, eu acordava e tal, e muita das vezes, tinha barulho, eu achava que podia tá entrando alguém, eu fazia barulho também pra espantar, pros caras pensarem que tinha alguém lá dentro, quer dizer saberem que tinha vigia, então tinha um eco, dava um eco, um esporro danado fazia aquele barulho, aí, enfim, pelo menos parecia que dava certo porque não tive problema de ter invasão na escola, e muito bom naquilo lá, também, era que a galera gostava de jogar bola, o pessoal das redondezas ali, aí eu fazia um esquema que eu abria a porta pra eles, a gente ficava na quadra jogando bola, às vezes até duas horas da manhã, de dez horas da noite à duas horas da manhã, uma, meia-noite e pouca, dependendo da disposição do pessoal, né, então eu jogava, então, aquilo pra mim..., eu passava hora ali. Foi assim por cerca de um ano, trabalhando de dia em obra, à noite lá, eu sai em noventa e oito. Quando eu saí em noventa e oito eu já tinha voltado pra UFF, eu lembro que eu comecei a fazer matéria com Sônia Mendonça, porque eu tinha que terminar o básico.

FITA 3- lado B

Então eu queria, tinha que completar o básico ainda, você vê que começando a faculdade em noventa e um, noventa e oito, ainda tinha que completar o básico, aí consegui fechar, nesse ano de noventa e oito, também, eu consegui no primeiro semestre, eu fiz três matérias, eu voltei numa situação em noventa e oito, trabalhando em obra, trabalhando nesse colégio e ganhando tão pouco na soma, que tinha as despesas de casa, aquela coisa toda e agora com filho, que eu não tinha..., muitas vezes tinha que pedir dinheiro emprestado pra ir pra UFF, mesmo assim, um lance sinistro, muitos livros e muitos textos eu não consegui ter, não consegui xerocar, que às vezes a gente tem dinheiro xeroca e não lê, eu não conseguia xerocar, tive que recorrer a biblioteca, levava livro pra poder ler e eu não deixei de estudar, eu coloquei na cabeça, pra minha sorte. Na época Vanessa até falou : - *Poxa, vai ter condição ? Você tá nessa de pedindo dinheiro...* Eu falei pra ela:-*O que me sobrou na vida foi a faculdade porque eu não tenho emprego fixo, eu não tenho uma profissão ainda.* E eu fui ver, era até o Marcelo na época o funcionário lá, fui ver depois de um tempão fora, né, fui ver se eu ainda tinha matrícula, como é que ia ser, ele puxou a minha, na época da matrícula que eu fui né, falou :- *Charleston, puxei veio teu nome aqui pra te dar o plano pra você fazer lá o plano de curso, mete a cara.* Fiquei contente, peguei me inscrevi em três matérias no primeiro, e no segundo acho que fiz cinco ou seis, já entrando nas optativas, naquele lance todo, aí não parei mais, cara, todo semestre, em noventa e nove, é, enfim, tudo que veio depois eu vim com seis, sete matérias e com aquela coisa. E ainda noventa e oito cheguei a vender produto de limpeza que eu fazia em casa, comprava essência, tipo assim, comprava essência e vendia, num negócio de porta em porta, junto com um grupo de amigos e tal, mas não deu certo também porque era um negócio que você precisa andar muito, e a margem é pequena de lucro assim, tem que vender uma quantidade absurda pra poder tirar né, cheguei a ganhar algum dinheirinho com aquilo ali mas nada de significativo, era mais trabalho, do que fruto de trabalho, do que dinheiro, mas vendia, fazia amaciante em casa, fazia desinfetante, comprava cloro, fazia água sanitária, diluindo né, tem uma quantidade que você pode diluir de tanto pra tanto, vendi bastante isso, em noventa e oito ainda, depois...Aí, menina, perdão, é o problema da memória, isso foi em noventa e sete e foi em noventa e sete que eu voltei pra UFF, e não em noventa e oito, noventa e sete que eu

peguei, comecei a pegar três, depois aí, desembestei, foi noventa e sete, só que nessa dificuldade toda, aí vendendo produto de limpeza e pegando obra quando tinha, vivendo da ajuda do meu pai, meu pai fazia compra numa mercearia, ele tinha conta, então levava carne seca, levava feijão, levava legumes, minha vó vinha aparecia com fruta, minha mãe trazia coisas e tal, pra ajudar por causa de Fernanda, né, minha filha e tal, aquela situação difícil. Então obra quando tinha, esse negócio de limpeza e o negócio à noite. Aí, esse negócio à noite eu acabei eu não tinha mais ânimo de ir, por que? Em dezembro de noventa e sete, eu fiquei muito contente porque consegui um emprego graças à UFF porque eles só escolheram universitários pra isso e o salário na época era de quatrocentos reais e era um bom salário em dezembro de noventa e sete, pó era tipo assim, dois salários mínimos, quase três salários mínimos, e numa coisa que eu tinha feito aliás, eu nem falei, isso foi em dezembro de noventa e sete, no primeiro semestre de noventa e sete, eu trabalhei quase três meses no jornal globo vendendo jornais, assinatura de jornais, fiz exame lá, tinha anúncio no jornal, procurei e fiz, passei e vendia, e é uma coisa muito difícil porque as pessoas te tratam muito mal no telefone, então você tem que ter todo um jogo de cintura, pra poder..., cheguei a vender assinaturas. Cara, o primeiro salário que eu recebi daquele, que eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei em casa com um táxi, passei nas Sendas fiz uma compra, pó, tipo, aquele salário foi de duzentos e poucos reais, eu gastei quase tudo com aquela compra, e curiosamente todo mundo recebeu setenta e poucos reais, não sei porque, por um erro ou sei lá o que foi, eles me pagaram duzentos e poucos, é porque a gente só tinha trabalhado uma fração de dias no mês. Bicho eu comprei de tudo, eu comprei tudo que não tinha lá em casa há não sei quanto tempo, que não podia entrar com fatura desde aquela época de noventa e quatro, noventa e cinco, que eu tava bem e tal, tinha grana. E Vanessa tava de um lado, minha sogra tava do outro, naquela tristeza, né, sem muita..., minha filha, pó um ano de idade, então entrei com queijo, com..., tudo que todo mundo devia ter em casa, e que faz diferença se você não tem, pra quem tem não faz, e assim, é uma coisa marcante dessa época, eu fiquei três meses, cerca de três meses no jornal, depois sai, eles não queriam que eu sáísse mas eu tava mal psicologicamente, porque é muita coisa, muito palavrão que você escutava, muita gente *“Vai tomar no cu!”* Porque você vai vender o jornal, *“-Ah, eu quero que Roberto Marinho se foda!”* E enfim, por outro lado a gente tratava muito bem, muitas vezes o cara começava xingando você e você vendia o jornal pra ele também e conseguia, a gente tava ali pra isso e tinha que criar uma empatia com a pessoa e conseguir reverter aquilo numa venda, é, o lema de quem vende por telefone é, que um sim é sempre um sim, e o não é um talvez, e, só que eu não agüentei a pressão, é muito..., às vezes você saía de uma ligação esgotado de tanto que você ouvia negativas, aí você passava de uma pra outra, às vezes uma seqüência de ligações e você não conseguia vender nada, não era pra mim. Mas eu tinha dessa vez, uma época que eu tinha espalhado o currículo por todos os lugares, em noventa e sete, tava nessa de material de limpeza e às vezes em obra e (eu falei isso, eu já repeti, mas eu tó falando pra me situar), e às vezes em obra, no material de limpeza e, às vezes à noite no colégio. Então, dezembro de noventa e sete eu entrei pra Caixa Econômica Federal pra uma empresa que fazia, que prestava serviço pra Caixa, que tinha acabado de ganhar a licitação que é Solução Recursos Humanos. Cara, deixei um currículo, meses antes, um dia sai espalhando currículo em todas as agências de emprego, me chamaram, assim, sem eu esperar, fui fiz os testes, que felicidade, felicidade mesmo, falaram *“Olha, você vai trabalhar, você passou, sabe, um negócio, você passando necessidade com um filho pequeno, você não imagina o que é, você ter um lugar, sair de casa e ter um lugar pra ir, um emprego, um local onde você vai assinar alguma coisa, esse negócio de trabalho, é um negócio muito sinistro, você pode pó, achar..., mas você ter um lugar pra sair de casa, e emprego e um lugar onde você vai bater o cartão, alguma coisa assim, lá era folha de ponto, cara você se sente diferente, você vai receber o vale-transporte, você sabe que é uma merda você pegar condução, transporte público, mas sem aquilo é pior, é muito pior. E aqueles quatrocentos reais, pó, o natal foi outro, o natal de noventa e sete, quer dizer porque aí a gente recebeu o primeiro salário*

e, noventa e oito todo eu trabalhei na Caixa Econômica no telemarketing, atendia também telefone, seguro-desemprego, fundo de garantia, dava as informações sobre fundo de garantia, sobre os produtos da Caixa Econômica e depois de um ano a empresa trocou, a gente pegou uma grana legal por causa da indenização, a empresa teve que demitir a gente, a gente foi readmitido em outra, o salário baixou um pouquinho, de quatrocentos, pra trezentos setenta e nove e vinte e dois porque todo castigo pra pobre é pouco, e aí, enfim, a gente tinha é, no entanto eu continuei ali e comecei a me destacar porque eu aprendi a lidar com um programa de fundo de garantia chamado CEFIPE ?, e tinha muita facilidade de passar, também, pros outros e comecei a ser uma espécie de instrutor, sem ganhar por isso, mas tinha certas regalias ali dentro, tipo uma vez um atraso, uma falta, pessoal às vezes fechava os olhos pra isso porque eu cuidava do pessoal que entrava, instruía os novos, no que diz respeito ao programa CEFIPE, às coisa relacionadas ao fundo de garantia, à uma guia que lançaram na época de recolhimento de fundo, informações da previdência chamada de CFIPE. Então, noventa e nove, dois mil, eu fiquei na Caixa Econômica até dois mil e um, fiquei de noventa e sete à dois mil e um, carteira assinada e tal, e nessa época dando tudo o que eu tinha na UFF, sabe, me dedicando, porque aí passei a ter uma certa estabilidade empregatícia, então dava pra manter os estudos. Bom, noventa e nove fiz o concurso lá na UFF pra monitor, História Contemporânea, dei mó sorte, não apareceu ninguém, ninguém se inscreveu, eu até nem fui muito bem na prova, tirei sete, mas o suficiente pra passar que era sete, aliás eu nem sei se o pessoal relevou: - *Ah, só tem ele coitado, vou dar sete!* Mas é porque eu tinha vários pontos pra estudar e eu não podia estudar todos, e o que eu estudei não caiu, a pergunta não foi sobre..., então eu fui monitor de História Contemporânea, trabalhei com a Márcia Motta, enfim, e dali uma certa afinidade com o trabalho dela, na perspectiva que ela tinha, que ela tem de História e tal, e aí comecei a encaminhar a minha monografia, também com ela, monografia um, fiquei contentão, ela me deu dez, achou o trabalho legal e em noventa e nove, segundo semestre fiz monografia dois e também me deu dez no trabalho, assim, ela gostou, então isso me incentivou, e ela disse: - *Olha, você tem que levar isso pro Mestrado, você tem que fazer o Mestrado, você tem como, isso aqui dá pra você encaminhar e tal.* Eu nem acreditava nisso porque na minha trajetória, eu achava o Mestrado uma coisa, inatingível, né. Aí, isso já, em dois mil, então tó trabalhando na caixa e tó, tó como monitor. Aí teve um lance que eu também deixei currículo na Fundação Mudes, fiz lá a inscrição e fui chamado pra trabalhar no Arquivo Nacional. Então trabalhava na Caixa seis horas, tipo de onze às cinco, teve uma época que foi de onze às cinco, depois foi de meio-dias às seis, os horários eram assim, né, de seis em seis horas, trabalhei de oito à meio-dia. Então quando eu trabalhava de manhã na Caixa, de oito às duas aliás, aí eu estudava à tarde e à noite na UFF. Aí quando entrou esse lance do, eu já era monitor e entrou o lance do Arquivo Nacional, então pó, ganhava duzentos e quarenta lá, trezentos e pouco na Caixa e noventa e pouco pela monitoria. Então voltei, assim, a ter uma certa tranquilidade, naquela época era um dinheiro que enfim, dava pra passar, né, noventa e nove, dois mil foi a mesma coisa, eu..., Desculpa, o Arquivo Nacional veio em dois mil, noventa e nove foi monitoria e Caixa Econômica, em dois mil monitoria, que aí eu repeti a prova, dessa vez teve concorrente, foram cinco e eu fui o primeiro colocado, tirei nove e meio, então acho que teve mérito, eu estudei, aliás o ponto que eu mais sabia, caiu e eu sorteei o ponto, a Adriana Facina veio, e eu puxei o ponto, parecia até que foi combinado, não foi, é claro, e aí deu certo e tirei uma nota legal e consegui ser monitor de novo, mas aí você vai perguntar, mas seu eu não fiz monografia em noventa e nove? é porque em dois mil eu não tinha feito a licenciatura. Terminei o bacharelado em noventa e nove, então como eu continuei cursando, eu até puxei mais matérias de História, e fiquei o ano de dois mil, né, como monitor, e fazendo as matérias, as cadeiras pedagógicas e tal. Aí..., dois mil, Caixa, Arquivo Nacional, monitoria, fiz um concurso pra, estudando, estudando muito, lendo tudo que podia, fiz assinatura de jornal, pra sabe, começar, aí o que que eu fiz, fiz um concurso pra Magé e pó estudei, eu tinha feito um pra Araruama fui muito mal, fiquei em sessenta e seis, aí fiz pra Magé e fui o primeiro colocado, fiquei super feliz, mas naquela, eu ia

pegar o diploma e fechar tudo em novembro, será que vai dar, não sei o que, aí consegui, aí ajetei o horário, entrei pra Magé, o salário era quatrocentos e pouco na época mas pó, me deu assim uma, eu fiquei em Magé, saí da monitoria, acho que ainda fiquei mais um mês até terminar, que eu entrei lá em novembro e fiquei na caixa econômica, fiquei na Caixa, em Magé, e saí do Arquivo Nacional, e então fiquei nesse dois empregos, a situação já tava, assim, melhorando, tava cerca de oitocentos reais por mês em dois mil pra dois mil e um. Aí, fiz o concurso pra prefeitura do Rio, eram duzentas vagas, fiquei em octagéssimo quarto, super animado, vai chamar, vai chamar, chamou, aí entrei pra prefeitura, eu saí da caixa, né porque não dava mais pra segurar os dois, aí a renda subiu, porque era mil e porrada, na prefeitura, dei a sorte de pegar logo uma dupla de cara e pegar o noturno, né que era o que eu queria. Então fiquei feliz da vida assim, dois mil e um, ganhei dinheiro pra caramba e foi a UFF cara, se eu não tivesse me formado e tido uma profissão, sabe. Claro que eu estudei pra cacete eu estudava na barca, se não fosse, ônibus e barca, eu não teria me formado que era o local que eu tinha pra estudar, em casa era trabalho, e trabalho pra cacete na rua e em tudo que era lugar, então assim, eu acho que eu li sessenta, setenta por cento de tudo que eu estudei e marcava, fazia marcação de texto, nesses lugares, sabe. E foi legal ter dado certo, dois mil me formei portanto, novembro, peguei diploma, tudo, é, em final de dois mil entrei em Magé, dois mil e um, setembro de dois mil e um, saí da Caixa Econômica e fiquei como funcionário em Magé e no Rio e depois disso, eu já tinha decidido que era isso que eu queria, eu amo dar aula, eu gosto de lecionar, eu gosto de estar com os alunos, queria ajudá-los, assim, gosto de fazer essa coisa, de tentar fazer com que o aluno dê valor a instrução. Nesse ponto eu me aproximo da chamada teoria crítico-social dos conteúdos, que entende que o conteúdo é uma ferramenta pra transformação social, é a partir do momento que o aluno ele..., é porque ele tem que ter a cultura que a classe dominante tem, porque esse conhecimento foi produzido socialmente pela humanidade? Foi, mas ele é apropriado pelos setores dominantes que tem o conhecimento de Álgebra, de Química, do cacete, de História, que tem as ferramentas da língua, que domina as técnicas e portanto, consegue sempre os melhores espaços, também por isso. Então, eu me aproximo dessa corrente que acredita que você tem que dar aos setores populares as mesmas ferramentas, pra eles terem condições de, pras pessoas terem condições de..., enfim, batalhar nos espaços sociais com mais possibilidades de ocupar esses espaços e ter uma ação até política a partir daí, com um conhecimento melhor da realidade na qual ele está inserido e tudo mais. Bom, porque eu me vali disso, e só isso que me valeu...Dizer, os outros? E a partir daí, eu nem falei né, eu terminei em dois mil, eu me formei em dois mil e aí teve uma seleção pro mestrado quando eu me formei na licenciatura, já imediatamente encaixei o projeto, a Márcia Motta me incentivou bastante a fazer, ela nem pôde ler, só deu as orientações, faz assim, assim que você vai conseguir, né, esperançoso mas ainda cético, um paradoxo, né. Fui e me inscrevi, sabe, passei na prova, uma entrevista nervoso, tirei uma nota boa, assim, e o projeto também, consegui chegar, falei - *Caramba, to dentro, né*. Eram quinze vagas, décimo terceiro, sabe, e eram oitenta e poucos candidatos, inclusive gente, e eu fiquei muito contente, não pelos colegas que não passaram, mas gente que eu admirei, a faculdade, boa parte da faculdade, pessoas extremamente prolixas, assim, e que tinham uma leitura, um conhecimento teórico que demonstravam e tal, e ficou todo mundo pra trás, na minha frente doze. Então eu fiquei muito contente, desses oitenta e poucos eu estar entre os quinze escolhidos, assim, selecionados. E aí, em dois mil e três consegui terminar o mestrado, concluir o mestrado, foi muito bacana a defesa. Eu não sabia, nunca tinha visto uma defesa, eu dei às costas pra banca, eu pedi licença pra virar pro público, no final até a professora falou: - *A primeira vez que eu vi alguém fazendo uma defesa dá as costas pra banca!*, só que como eu trabalhei com os setores populares, eu fiz uma dissertação sobre uma revolta popular, o mínimo que eu podia fazer era virar para as pessoas “comuns”, foi instintivo assim, mas eu acho que tem, tudo haver com que eu acredito né. Tava a professora Márcia Motta, a professora Ismênia Martins e a professora Jesse Jane ali. No final, assim, eu fiquei muito feliz, elas gostaram do trabalho e recomendaram até pra

publicar na própria ata de..., um dia as pessoas vão ler, eu acho até, esse trabalho, de repente transformo num livro mas isso é um sonho, né, mesmo. Então, isso em dois mil e três me formei, né, no ano que eu concluí o mestrado e fiz vários concursos públicos e fui bem em praticamente todos eles e nisso eu consegui entrar pra prefeitura de Guapimirim, eu até já sai de lá, fiquei lá dois anos e pouco, entrei pra prefeitura de Niterói, eu nem acreditei ter sido o primeiro colocado no concurso pra Niterói com mil e duzentas, mais de mil e duzentas candidatas, uma alegria e uma surpresa grandes, peguei contatos no Estado, enfim, em todos esses lugares só trabalhando com crianças dos setores populares assim, das classes. Eu tento fazer dessa prática de historiador, de professor de história, uma coisa legal para elas, uma aula que seja animada, que seja atraente e ao mesmo tempo que os envolva naquilo que eu tô falando, que a gente tá explicando, trabalhando, lendo, de uma forma assim lúdica, às vezes bastante teatral, e eu tenho tido um retorno muito legal com esses alunos assim... Você muita das vezes perceber que pela primeira vez muitas crianças se dão conta da exploração, que há exploração do homem pelo homem, por exemplo, no final de uma exposição de uma matéria ou de um conjunto de exposições em várias aulas, e ao final, as crianças fazerem um texto e concluírem isso, concluírem que a sociedade é injusta e que alguma coisa tem que ser feita, sabe, você fica feliz de alcançar isso, de ter esse resultado. Então, hoje eu trabalho em várias escolas, consegui uma bolsa pra trabalhar no Arquivo Público né, por causa da apresentação do mestrado, do trabalho do mestrado, a professora Ismênia, que era diretora na época gostou, me chamou pra trabalhar lá. Então, assim, eu devo muito, devo a Deus, devo as pessoas que me ajudaram, porque a gente não anda sozinho nessa vida e muita gente me estendeu a mão. Eu não falei, mas eu consegui uma bolsa pra estudar inglês. Uma amiga, lá da Caixa disse: *Olha, eu consegui uma bolsa de estudo no Ibeu, nos anos pares eles recebem pedidos*, então mandei uma carta explicando os motivos porque eu queria, aí eles me chamaram pra entrevista e a entrevista é o seguinte você leva os seus comprovantes de pagamento, renda e contas e gastos e as notas da Universidade ou escola, eu levei, enfim, a pessoa falou: *- Olha, em Janeiro você liga pra saber o resultado*, gostou das notas, inclusive eu tava só com nove e dez naquele semestral que vem na UFF, pelo menos na minha época tinha, você recebia as notas do semestre e, pó, malandramente eu levei só essas que era a minha fase boa, se eu levasse o Histórico da época que eu tava desempregado..., eu tive dificuldade e tal. Consegui, isso foi em noventa e nove, então cursei o IBEU com 100% de bolsa, noventa e nove, dois mil, dois mil e um, dois mil e dois, então entrei realmente precisando daquela bolsa, e ela me valeu esse tempo todo que a mensalidade era de cento e poucos reais, não conseguiria pagar. No final já conseguiria porque eu já tava com os empregos, já tinha passado nos concursos, já tava estabelecido na vida profissional como um professor de História e inclusive esse inglês que me valeu passar na prova de idioma no mestrado porque eu tirei dez na prova de inglês devido ao curso. Foi muito legal eu ter tido essa bolsa. Então são essas coisas que acontecem na sua vida, e você não anda sozinho, você não caminha sozinho, as pessoas te ajudam te estendem a mão. Pra freqüentar esse curso, era em Madureira e eu morava em São Gonçalo, aliás moro, muito distante e a passagem cara, às vezes pegava emprestado com pessoas, minha tia, minha vó, o sábado de manhã eu passava cedinho na casa de alguém, *me empresta*, comecei o curso com dificuldade, dificuldade pra comprar os livros, são livros importados né, mas deu cara, deu. Eu aí concluí o inglês, já terminei o inglês com trinta anos, mas concluí e concluí o mestrado um ano depois do inglês e nesse meio tempo eu trabalhei no Estado, trabalhei em prefeituras, passei em concursos. Eu hoje sou servidor público e trabalho no Arquivo, e assim, tudo por isso, por ter recebido ajuda das pessoas e mesmo nessas épocas trabalhando em outros empregos, que não era aquilo que me seduzia, tanto como operador de telemarketing ou como servente de obra ou vigia, não eram as coisas que eu queria fazer na vida, eu queria ser historiador e professor, eu continuei estudando, estudando, estudando e batalhando com todas aquelas dificuldades assim, eu vejo essa coisa de..., é como a gente como historiador teme mesmo dizer e eu quero não deixar, já que isso tá registrado, dizer que é uma coisa de uma vitória

peçoal,sabe, não quero colocar a coisa no plano do individual. Precisei muito da ajuda das pessoas, sem as revistas em quadrinhos do meu pai, sem as enciclopédias que a minha mãe deixou, eu acho que é tudo isso. Você não é feito sozinho, eu não sei do que eu fui feito mas essas coisas todas contribuíram pra que hoje, hoje a minha filha não tem nenhum tipo de falta que ela teve quando foi bebê, quando nos primeiro anos..., ela tem tudo que uma menina de um pai professor pode ter.